

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

JULIANA DA SILVA GOMES

MODELOS DE NEGÓCIO NA AQUISIÇÃO DE E-BOOKS EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: UM OLHAR PARA A LITERATURA INTERNACIONAL

Rio de Janeiro

2015

JULIANA DA SILVA GOMES

**MODELOS DE NEGÓCIO NA AQUISIÇÃO DE E-BOOKS EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: UM OLHAR PARA A LITERATURA INTERNACIONAL**

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. M.a Marianna Zattar.

Rio de Janeiro

2015

G633 Gomes, Juliana da Silva.

Modelos de negócio na aquisição de e-books em bibliotecas universitárias: um olhar para a literatura internacional. / Juliana da Silva Gomes. – Rio de Janeiro, 2015.

70 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)
- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação, Rio de Janeiro, 2015.

Orientadora: Marianna Zattar.

1. Desenvolvimento de coleções. 2. Aquisição. 3. Livros eletrônicos. 4. Biblioteca universitária. I. Zattar, Marianna. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

CDD 025.28

JULIANA DA SILVA GOMES

**MODELOS DE NEGÓCIO NA AQUISIÇÃO DE E-BOOKS EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: UM OLHAR PARA A LITERATURA INTERNACIONAL**

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Bibliotecário Doutor Moreno Albuquerque de Barros
Biblioteca do Centro de Tecnologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Mestre Ana Maria Ferreira de Carvalho
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Mestre Marianna Zattar (orientadora)
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Jurema, por todos os meses que me carregou em sua barriga, todas as noites mal dormidas, todas as marmitas arrumadas, todas as roupas lavadas, todas as (muitas) broncas dadas, todas as coisas que resolveu por mim – enquanto me ensinava a resolvê-las por mim mesma – e todas as muitas outras coisas, que nunca conseguiria mencionar em um único parágrafo e que me permitiram chegar até aqui.

Ao meu pai, Oselio, por entender a importância dos meus estudos e sempre apoiá-los financeiramente (mesmo com dificuldades), me encher de carinho mesmo nas minhas fases mais complicadas, ter tanta paciência com todas as minhas infinitas reclamações, nunca conseguir me negar nada nessa vida e me mostrar todo dia que a felicidade está nas coisas mais simples.

A minha irmã, Alessandra, por ter me ensinado na marra a ser independente e organizada, estimulado meu gosto pela leitura, se revelado uma excelente amiga e confidente, e, principalmente, por ser a razão de eu ter conhecido a Biblioteconomia.

Ao meu irmão, Wellington, por toda a influência musical e nerd (que fizeram eu me apaixonar pelo inglês), por ter sido meu maior exemplo de esforço e dedicação estudantil, por todos os incontáveis sábios conselhos, por ser presente mesmo distante e por sempre ter cuidado de mim como um pai.

A minha sobrinha, Mariana, por ter despertado em mim um amor que faz todos os meus problemas e preocupações parecerem pequenos.

Ao meu namorado, Rafael, por amar o melhor e o pior de mim e por sempre abraçar meus sonhos e torná-los seus.

Aos meus parceiros de turma, Karen Bassett, Luisa Olmo, Matheus Vieira, Pedro Custódia e Rafael Chaffin, por terem sido, ao mesmo tempo, minhas melhores e piores influências e por terem tornado essa etapa da minha vida memorável.

A professora Samantha Pontes, por ter feito eu me apaixonar por desenvolvimento de coleções e perceber a importância da elaboração do meu trabalho.

A professora Ana Carvalho, por ter me dado suporte do início ao fim do curso e por sempre ter demonstrado o quanto acredita e confia em mim.

A Danielle Custódia e Heloisa Costa, bibliotecárias do Instituto de Química da UFRJ, por terem depositado sua confiança em mim desde o primeiro momento e por todo o suporte profissional oferecido desde então.

A minha orientadora Marianna Zattar, por ter renovado minha paixão pela Biblioteconomia através da sua e por ter sido tudo que uma orientanda poderia querer: disponível, organizada, dedicada, incentivadora, comprometida, divertida, tranquilizadora e atenciosa.

“Se vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.” (NEWTON, 1676)

RESUMO

Este trabalho aborda as bases teóricas, que estão presentes na literatura internacional, dos modelos de negócios de aquisição de livros eletrônicos (e-books) em bibliotecas universitárias. Para isto, traça um breve histórico da temática de desenvolvimento de coleções e descreve suas etapas, com um enfoque na etapa de aquisição, oferecendo uma visão ampla dos tipos de fornecedores de livros eletrônicos existentes e os modelos de negócios oferecidos pelos mesmos. Discorre sobre a evolução do livro eletrônico e apresenta suas três divisões feitas pela literatura: suporte, aplicativo e conteúdo. Disserta sobre o histórico das bibliotecas universitárias, sua missão e objetivos iniciais e atuais, assim como a definição dos deveres dos profissionais que nela trabalham. Utiliza a metodologia exploratória com a técnica de coleta de dados do levantamento bibliográfico, que consistiu em buscas realizadas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por bases de dados que fossem dedicadas precisamente à área de Ciência da Informação, tendo sido encontradas as bases de dados *Library and Information Science Abstracts* (LISA) e *Information Science & Technology Abstracts* (ISTA), onde foram efetuadas buscas por palavras-chave referentes à temática proposta. Foram coletados os artigos que tinham seus textos completos disponibilizados por suas respectivas bases de dados e, posteriormente, somente aqueles que atendiam aos propósitos da pesquisa foram selecionados, através da execução de *skimming* (técnica de leitura). Estes textos foram lidos de forma regular para coleta e análise de informações. Os resultados apontam para uma tendência de uso de modelos de negócios de livros eletrônicos que emulam os de livros impressos e de periódicos eletrônicos (aquisição perpétua e assinatura), com grande debate e experimentações com modelos novos (aquisições orientadas pelo usuário).

Palavras-chave: Desenvolvimento de coleções. Aquisição. Livros eletrônicos. Biblioteca universitária.

ABSTRACT

This work discusses the theoretical bases, that are present in the international literature, of the business models of acquisition of electronic books (e-books) in university libraries. For this, describes a brief history of the area of collections development and talks about its steps, with a focus on the acquisition step, offering a broad view of the existing types of suppliers of electronic books and the business models offered by them. Discusses the evolution of the electronic book and its three divisions made by literature: support, application and content. Talks about the history of university libraries, their initial and current mission and objectives, as well as the definition of the duties of their librarians. Uses the exploratory methodology with the technique of bibliographical data collection, which consisted of searches performed in the Portal de Periódicos Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) for databases which were dedicated precisely to the area of information science, having been found Library and Information Science Abstracts (LISA) and Information Science & Technology Abstracts (ISTA) databases, where searches were conducted for keywords relating to the proposed theme. Articles that had their full texts provided by their respective databases were collected and, subsequently, only those who attended to the purposes of the research were selected, by doing skimming (reading technique). These texts were read on a regular basis for information collection and analysis. The results point to a trend of using business models of electronic books that emulate those of printed books and e-journals (perpetual acquisition and subscription), with great debate and experimentation with new models (patron-driven acquisitions).

Keywords: Collections development. Acquisition. Electronic books. University libraries.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	OBJETIVOS.....	11
1.1.1	Objetivo geral.....	11
1.1.2	Objetivos específicos.....	11
2	DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....	12
2.1	ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....	13
2.1.1	Estudo da comunidade.....	15
2.1.2	Políticas de seleção.....	16
2.1.3	Seleção.....	17
2.1.4	Aquisição.....	18
2.1.4.1	<i>Tipos de fornecedores de livros eletrônicos.....</i>	<i>19</i>
2.1.4.2	<i>Modelos de negócio de livros eletrônicos.....</i>	<i>22</i>
2.1.5	Desbastamento.....	27
2.1.6	Avaliação.....	28
3	LIVROS ELETRÔNICOS (E-BOOKS).....	30
3.1	LIVROS ELETRÔNICOS: SUPORTE (HARDWARE).....	33
3.2	LIVROS ELETRÔNICOS: APLICATIVO (SOFTWARE).....	34
3.3	LIVROS ELETRÔNICOS: CONTEÚDO.....	36
4	BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	39
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
5.1	MÉTODO DE PESQUISA.....	42
5.2	TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	42
5.3	POPULAÇÃO/AMOSTRA.....	43
5.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	43
6	MODELOS DE NEGÓCIOS DE LIVROS ELETRÔNICOS (E-BOOKS) EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	44
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	65
	APÊNDICE A – LISTA DE BASES DE DADOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS NO PORTAL DA CAPES.....	68
	APÊNDICE B – ARTIGOS SELECIONADOS.....	70

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema o desenvolvimento de coleções e aborda um assunto recente e relevante nos estudos e práticas na área da Biblioteconomia no Brasil, que é a aquisição de livros eletrônicos (e-books), mais especificamente em bibliotecas universitárias.

A iniciativa de desenvolvimento deste trabalho surgiu a partir da constatação, por meio do convívio diário com profissionais responsáveis pelo desenvolvimento de coleções de uma biblioteca universitária, da dificuldade que os bibliotecários brasileiros têm para obter informações sobre os modelos de negócios de e-books existentes (seja pela escassez de fontes de informação em língua portuguesa sobre o assunto, seja pelo apego aos diversos aspectos da Biblioteconomia tradicional e o receio em reformulá-los) e para aplicar estes modelos de forma mais eficiente no contexto da biblioteca que se trabalha.

A decisão de fazer esta pesquisa no âmbito internacional surgiu a partir da ideia de que no Brasil ainda não haviam sido produzidas pesquisas científicas suficientes nesta área temática para dar origem a resultados esclarecedores. Para confirmar isto, nesse semestre foi realizada uma breve revisão de literatura, feita na maior base de dados referencial do Brasil, a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), onde foi utilizada a estratégia de busca por palavras-chave a partir dos termos “modelos de negócio” e “aquisição”, sem nenhum outro filtro de busca adicional. Como resultado, a base não recuperou nenhum artigo, o que corroborou a ideia inicial de que era necessário que a pesquisa fosse feita em artigos internacionais, para que se pudesse ter como retorno os resultados de diversas experiências com os modelos de negócio existentes no processo de aquisição de e-books.

Os livros eletrônicos trouxeram grandes mudanças de paradigmas como, por exemplo, o que se entende por um livro em si, visto que o seu aspecto tradicional foi usado como base para o desenvolvimento desta nova tecnologia e suporte informacional, mas foram acrescentadas novas facilidades (como busca por termos específicos no texto e adaptações da fonte), além da sua junção com a conectividade do mundo digital, dando origem a uma nova forma de interagir com os livros, diferente do que já estamos acostumados. Desta forma, os leitores estão aprendendo a se adaptar aos e-books ao descobrirem novas possibilidades, assim como os bibliotecários, que agora percebem um caminho de constantes adaptações, principalmente com relação ao que entendem por desenvolvimento de coleções.

Uma das partes mais importantes do processo de inserção dos livros eletrônicos no meio bibliotecário foi a adaptação aos novos modelos de negócio de aquisição desses livros,

que vem se mostrando muito mais complexos que o dos tradicionais livros impressos. No Brasil, algumas bibliotecas já se tornaram adeptas à aquisição de livros eletrônicos na formação e no desenvolvimento de suas coleções, mas pode-se dizer que ainda a maioria está dando os primeiros passos nessa direção, se for observado o cenário atual. Como este processo de adaptação a um novo suporte informacional pode exigir um maior compartilhamento de informações para o desenvolvimento de tarefas no contexto das unidades de informação, foi criado em 2014 o Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC), parte integrante da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), que tem por objetivo auxiliar os bibliotecários brasileiros nas novas tendências do processo de desenvolvimento de coleções através de reuniões para trocas de experiências sobre o assunto.

Quando os olhares voltam-se para as mudanças que já estão ocorrendo em outros países, em especial aqueles considerados os mais desenvolvidos economicamente, pode-se vislumbrar um pouco daquilo que se pode aguardar futuramente e, principalmente, quais são as perspectivas futuras para as modalidades de negócios de aquisição de livros eletrônicos e da própria função de desenvolvedor de coleções dos bibliotecários. Nota-se que tais perspectivas trazem mudanças drásticas em um dos principais papéis dos bibliotecários responsáveis pelo desenvolvimento de coleções: o de selecionar os itens para compor seus acervos. Assim, o problema deste trabalho está pautado na seguinte pergunta: quais são os modelos de negócio de aquisição de e-books em bibliotecas universitárias apresentados na literatura internacional no campo de estudos da informação?

A justificativa de criação deste trabalho se deve ao fato de que esta mudança trazida pela inserção dos livros eletrônicos na nossa sociedade não somente é esperada, como já é uma realidade em várias partes do mundo e do Brasil, especialmente no campo empírico escolhido para a pesquisa que aqui é empreendida: o campo das bibliotecas universitárias.

Como as bibliotecas universitárias brasileiras influenciam significativamente na prática biblioteconômica nacional, espera-se, com isso, evidenciar, a partir de um nível “micro” e específico, os contextos mais abrangentes. Isto porque cada vez mais, busca-se em universidades não só o oferecimento de acesso a periódicos eletrônicos (que para algumas bibliotecas já não é nenhuma novidade), mas também os livros em formato eletrônico e as vantagens que o acompanham, como o acesso remoto, a facilidade de sua mobilidade, e a possibilidade de atualização imediata dos livros quando são realizadas revisões de conteúdo ou lançadas novas edições.

Desta forma, este trabalho visa ampliar o campo de visão dos bibliotecários brasileiros para as muitas possibilidades de modelos de negócios na aquisição de livros eletrônicos já existentes no seu próprio país e no mundo de forma que estes profissionais estejam cientes sobre as etapas, dilemas e as muitas possibilidades de negociações existentes neste processo, já adotando uma visão prospectiva sobre o assunto. A relutância e a dificuldade em reconhecer/conhecer essas mudanças na comunidade atendida só dão origem a atrasos evolucionais informacionais e insatisfação dos usuários, fazendo com que os mesmos percam seu interesse nas bibliotecas, o que, em uma sociedade onde se valoriza imensamente a obtenção da informação, não só é indesejável, como é uma perda inestimável.

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos do estudo, divididos em geral e específicos, são apresentados nas subseções abaixo.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar, na literatura internacional, os modelos de negócio na aquisição de e-books em bibliotecas universitárias.

1.1.2 Objetivos específicos

São os objetivos específicos:

- a) identificar quais são os modelos de negócios de aquisição de e-books em bibliotecas universitárias existentes internacionalmente nas publicações da *Library and Information Science Abstracts* e na *Information Science & Technology Abstracts*;
- b) apontar novos paradigmas que os modelos de negócio de aquisição de e-books estão trazendo para o desenvolvimento de coleções;
- c) prover embasamento teórico para a pesquisa que se pretende realizar, abordando os tópicos de desenvolvimento de coleções, livros eletrônicos (e-books) e bibliotecas universitárias.

2 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Desenvolvimento de coleções é uma das funções primordiais dos profissionais bibliotecários e engloba diversas atividades que garantem a coerência do acervo com o que ele se propõe como coleção e como provedor de acesso à informação. Conforme Evans (2000, p. 28, tradução nossa) o desenvolvimento de coleções é um “[...] processo de identificação dos pontos fortes e fracos da coleção de materiais da biblioteca em termos de necessidades dos usuários e recursos da comunidade, e tentativa de corrigir as deficiências existentes, se houver”, ou seja, é um processo que busca agrupar em uma biblioteca um acervo que seja coerente com as necessidades da comunidade de usuários a qual se destina, de forma eficaz e eficiente, buscando sempre descartar os itens que não agregam valor à coleção e selecionando – e, posteriormente, adquirindo - títulos novos que sejam pertinentes ao acervo, de acordo com uma política desenvolvida pelos bibliotecários especialmente para este fim.

Apesar de o termo “desenvolvimento de coleções” ser bastante difundido e conhecido nas últimas décadas, nem sempre foi assim no decorrer da história da Biblioteconomia. Trata-se de um termo que surgiu por volta dos anos de 1960, quando, segundo Vergueiro (1993), houve o *boom* do desenvolvimento de coleções e, cada vez mais, foram surgindo artigos sobre o tema nos periódicos de Biblioteconomia, além de manuais de conscientização para os bibliotecários sobre a importância das atividades deste processo. Este *boom*, de acordo com Weitzel (2002), teve origem em 1448, com a invenção da imprensa de *Gutenberg*, que trouxe como resultado, posteriormente, a explosão bibliográfica, desencadeando ao longo dos séculos “o aumento exponencial do volume de publicações editados no mundo”. Weitzel (2002, p. 61) ressalta ainda que:

Por muito tempo, ao longo da história do livro e das bibliotecas, as atividades técnicas que hoje constituem o processo de desenvolvimento de coleções, estiveram restritas, de maneira geral, à seleção e aquisição de materiais informacionais para formar e desenvolver coleções em bibliotecas.

Weitzel (2002) destaca dois momentos históricos que influenciaram e levaram à consagração da área de desenvolvimento de coleções e suas atividades profissionais, sendo eles a explosão bibliográfica e o advento da internet. A explosão bibliográfica conduziu os bibliotecários a uma grande mudança de paradigma de suas funções, afinal, “[...] até o fim da Idade Moderna, a lógica praticada era a de se colecionar praticamente tudo o que existia disponível, uma vez que a produção editorial estava ainda em seu estágio inicial.”

(WEITZEL, 2002, p. 62). Os bibliotecários, em um dado momento, foram forçados a mudar a sua mentalidade e reconhecer que seria impossível colecionar tudo o que era publicado no mundo. Para Weitzel (2012, p. 181):

Dessa maneira, propagou-se o que foi considerada uma nova abordagem, que valoriza o acesso - orientado fortemente pela missão institucional e perfil dos usuários -, que visa às necessidades dos usuários em detrimento da posse do material. O termo desenvolvimento de coleções foi, a partir desse momento, consagrado pela literatura especializada para designar os processos e as políticas que envolvem ações em relação às coleções.

Após algumas décadas, esta nova abordagem focada no acesso à informação se consolida com o advento da internet. Apesar do receio dos bibliotecários de passarem a ser considerados obsoletos – bem como os livros impressos em si -, aos poucos as bibliotecas foram adotando as tecnologias da informação resultantes dessa evolução, otimizando e revolucionando diversas atividades exercidas pelos bibliotecários. No entanto, o fator determinante para legitimar a revolução na área de desenvolvimento de coleções é, sem dúvida, o advento do livro eletrônico. De acordo com Weitzel (2002, p. 64-65):

[...] é o documento eletrônico que proporciona sua consagração, possibilitando oportunidade favorável para a consolidação da área de desenvolvimento de coleções.
As questões discutidas pela sociedade em torno de sua relação com o documento eletrônico facilitaram a compreensão da importância do processo de desenvolvimento de coleções para a organização de bibliotecas analógicas e digitais.

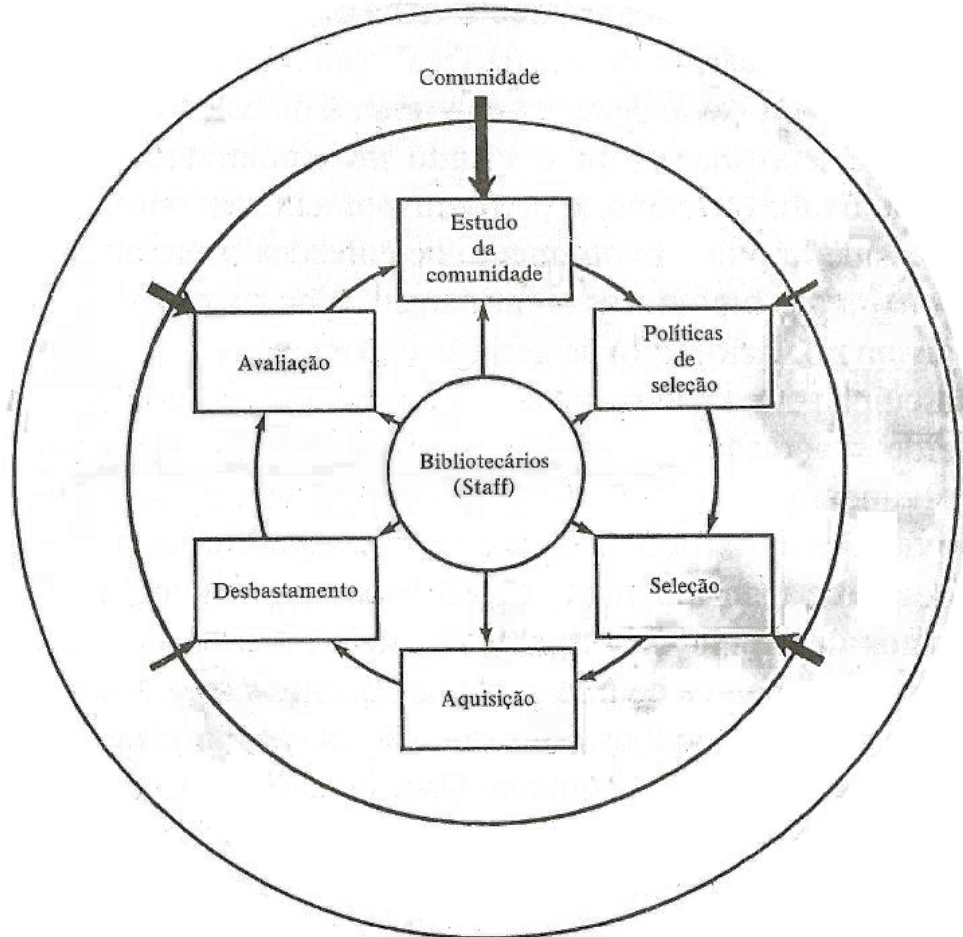
A partir das discussões acerca do tratamento do documento eletrônico como acervo nas bibliotecas, a área de desenvolvimento de coleções é definitivamente elevada a um patamar de grande importância dentre as atividades biblioteconômicas.

2.1 ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

O desenvolvimento de coleções nada mais é que um processo constituído por etapas que não apresentam uma ordem exata para serem executadas, o que permite que as mesmas caminhem em conjunto, se complementando sempre que necessário. Vergueiro (1989, p. 15) afirma que “[...] trata-se de um processo que, ao mesmo tempo, afeta e é afetado por muitos fatores externos a ele. E como processo, é, também, ininterrupto, sem que se possa indicar um começo ou um fim.” A quantidade de etapas que esse processo deve abranger varia de

acordo com o autor. A concepção de Evans (1979) sobre o assunto é objetiva e aponta somente 6 etapas que formam o processo de desenvolvimento de coleções (figura 1).

Figura 1 - Processo de desenvolvimento de coleções de Evans (1979)



Fonte: Vergueiro (1989, p. 17).

Já Weitzel (2013) apresenta o processo de desenvolvimento de coleções constituído de 9 etapas (figura 2), de acordo com a “analogia do guarda-chuva”, pois acredita que as políticas de aquisição, avaliação e desbastamento exercem um papel fundamental no processo.

Figura 2 - Processo de desenvolvimento de coleções de Weitzel (2013)



Fonte: Weitzel (2013, p. 21)

As visões de Evans – corroborada por Vergueiro (1989) e Maciel e Mendonça (2006) - e de Weitzel (2013), apresentadas acima, servem como orientação para o entendimento das etapas do desenvolvimento de coleções, que serão abordadas nas seções subsequentes.

2.1.1 Estudo da comunidade

Caracterizado pela busca pelo descobrimento das necessidades da população que vive na comunidade a ser atendida pela biblioteca (EVANS, 1979), o estudo de comunidade é a etapa que serve de base para todo o planejamento bibliotecário e é primordial no processo de desenvolvimento de coleções. Sem este estudo, no qual é necessário que o bibliotecário se aproxime dos usuários e do contexto que o mesmo vive, é impossível fazer um atendimento condizente com o que é realmente necessário.

Vergueiro (1989) garante que para que se consiga um diagnóstico eficaz da comunidade que será atendida, deve-se ir até ela e coletar dados relativos a algumas características de sua formação, tais como:

- a) históricas (evolução e crescimento da comunidade);
- b) demográficas (idade, sexo, nacionalidade, etc.);
- c) geográficas (distribuição populacional e seu crescimento);
- d) educativas (nível educacional);
- e) sócio-econômicas (principais atividades econômicas nível econômico da população, informações sobre o oferecimento de serviços públicos, etc.);
- f) transporte (quais existem e como se dá seu funcionamento);
- g) culturais e informacionais (grupos culturais da comunidade, eventos, canais de comunicação, centros de documentação, etc.);
- h) políticas e legais (órgãos aos quais a biblioteca está subordinada, influência de partidos, etc.);

Ainda, conforme Vergueiro (1989, p. 35), “Essas necessidades, uma vez definidas através da análise aprofundada de todos os dados coletados, irão guiar não apenas todas as etapas do desenvolvimento da coleção, mas também todo o planejamento do serviço bibliotecário [...]”. Ou seja, o estudo da comunidade representa o início e o fim de todo o processo, pois é para ela e com ela que as unidades de informação tem seu valor e relevância no espaço.

2.1.2 Políticas de seleção

As políticas de seleção visam fornecer um guia para os bibliotecários de como proceder com as atividades de seleção. Segundo Vergueiro (1995, p. 68 apud WEITZEL, 2013, p. 28), este documento deve informar os seguintes itens: “identificação dos responsáveis pela seleção de materiais; os critérios utilizados no processo; os instrumentos auxiliares, as políticas específicas; os documentos correlatos.” Portanto, deve ser definido, entre outras coisas, detalhes sobre a comissão de seleção (grupo de pessoas formados pelos bibliotecários responsáveis pelo desenvolvimento de coleções e representantes da comunidade a ser atendida, como os professores - no caso de uma biblioteca universitária) e o tempo de duração do seu mandato, os critérios de seleção dos documentos de acordo com o usuário (estilo, conveniência, idioma e relevância/interesse), com o próprio item (autoridade, atualidade, precisão, imparcialidade, cobertura/tratamento do assunto) e com outros aspectos (características físicas, aspectos especiais, contribuição potencial e custos), uma lista de instrumentos auxiliares a serem utilizados sempre que necessário, políticas específicas para

doações, duplicatas, produção científica da comunidade, entre outros, e também documentos como fluxogramas, organogramas, modelos de formulários e matrizes curriculares (WEITZEL, 2013).

De acordo com Evans (1979) esta política ajuda os bibliotecários em 5 fatores:

- a) unificar a visão de quais áreas da coleção devem ser desenvolvidas;
- b) desenvolver a coordenação entre os responsáveis pela seleção;
- c) alcançar uma consistência na coleção;
- d) reduzir a necessidade de tomada de decisões a respeito do desenvolvimento da coleção;
- e) evitar confusões entre os bibliotecários sobre o que a coleção é ou não.

Portanto, mesmo que já se acredite existir uma norma de procedimentos (passada oralmente) entre os profissionais bibliotecários, estes devem sempre refletir sobre a importância da criação e subseqüentes atualizações deste material, de tal forma que se possa padronizar as tomadas de decisão e garantir o entendimento geral dos bibliotecários sobre a coleção, a biblioteca e a organização como um todo.

2.1.3 Seleção

A seleção diz respeito ao processo de execução de todas as atividades que ficaram definidas na política de seleção, sendo, portanto, o momento onde as reuniões da comissão de seleção serão realizadas, os instrumentos auxiliares serão utilizados, livros serão analisados segundo os critérios determinados, etc.

Vergueiro (1989, p. 39) afirma que:

Até o momento, pelo menos, ninguém ainda conseguiu convencer-me de que qualquer computador do mundo, seja ele qual for, tenha a capacidade que tiver, conseguirá tornar útil a seus usuários uma coleção malselecionada, malplanejada, maldesenvolvida, e que não possua qualquer relação com a comunidade a ser servida.

Esta afirmação não poderia ser mais precisa, já que a seleção depende unicamente da capacidade profissional do(s) bibliotecário(s) a cargo dessa posição e, se executada erroneamente e inoportunamente, pode desutilizar completamente um acervo na visão de sua comunidade.

Evans (1979) fornece alguns encaminhamentos de como executar esta etapa, tais como: procurar conhecer as editoras, estudar quais os melhores produtores de material para a sua biblioteca/comunidade, conhecer a sua comunidade através do contato com as pessoas e envolvimento nas suas atividades e ler o máximo que puder sobre o processo de seleção, revisão e aquisição de livros.

Vergueiro (1989) explica que costuma-se dizer que a seleção se divide em duas etapas, uma na qual se desenvolve uma lista de interesses, após a pesquisa com os usuários e com os materiais auxiliares (catálogos, filipetas, críticas, bibliografias, etc.), e a outra na qual a lista é avaliada de acordo com os recursos disponíveis e prioridades definidas previamente na política de seleção.

Weitzel (2013) aponta que pode ser necessária a criação de uma base de dados para prover auxílio ao lidar com as inúmeras variáveis que surgirão decorrentes desse processo, já que provavelmente haverá livros que não entrarão para a lista desiderata, mas que ainda serão objeto de desejo para uma futura aquisição ou até mesmo doação ou permuta.

2.1.4 Aquisição

Vergueiro (1989, p. 63) define o papel da aquisição no desenvolvimento de coleções como o de “localizar e, posteriormente, assegurar a posse, para a biblioteca, daqueles materiais que foram definidos, pela seleção, como de interesse.” Portanto o foco aqui é a execução do que já foi pré-determinado de forma eficaz e eficiente para que este material esteja, no menor tempo possível, da melhor forma possível, nas mãos do usuário. Vergueiro (1989) também lista as atribuições básicas do trabalho de aquisição, sendo elas a obtenção de informações sobre o material desejado pela biblioteca (em decorrência das necessidades da comunidade), a efetivação do processo de compra dos mesmos, mantimento e controle dos arquivos gerados durante todo o processo e administração dos recursos disponíveis para aquisição.

Para Maciel e Mendonça (2006) as atividades a serem realizadas pelo bibliotecário de aquisição seriam as de buscar conhecer os trâmites burocráticos institucionais, acompanhar diretamente e constantemente os processos, conhecer as dotações orçamentárias e fontes de investimentos, atentar para o cumprimento de prazos, supervisionar e controlar os gastos para futura prestação de contas e gerenciar o serviço de permuta e doações. Pode-se reparar, analisando essas atividades, que é necessário que o bibliotecário tenha noções de contabilidade, para que possa ter maior controle dos processos financeiros citados.

Determinadas as responsabilidades dos profissionais responsáveis pela aquisição, Andrade e Vergueiro (1996) sugerem que seja feita a complementação dos dados documentários (se necessário), nova verificação da existência dos itens na biblioteca e se o mesmo já foi encomendado (de modo a serem evitadas duplicações indesejadas), seleção dos fornecedores mais adequados (em termos de serviço e preço) e, por fim, o pedido de cotação, deixando a cargo do bibliotecário a decisão de qual fornecedor escolher e através de qual modalidade de compra.

A respeito da execução do trabalho de aquisição, Weitzel (2013) sugere que, para auxiliar na tomada de decisão de fornecedores, seja feito um mapa de cotação em uma planilha na qual as linhas compreendem as obras em processo de cotação e as colunas as propostas de cada fornecedor, fazendo assim uma relação dos preços oferecidos por cada fornecedor por obra desejada.

2.1.4.1 Tipos de fornecedores de livros eletrônicos

Costa e Cunha (2014, p. 3) definem os fornecedores como “o canal através do qual a biblioteca pode comprar livros eletrônicos” e acrescentam que esse processo pode ser muito diferente das tradicionais compras dos livros impressos. Existem várias opções de fornecedores e cada um pode oferecer vantagens e desvantagens completamente diversificadas, então é importante que os bibliotecários tenham conhecimento de cada um deles, para que possa avaliar qual oferece uma opção de negócio mais alinhada aos objetivos, características e ao propósito da biblioteca.

No Brasil ainda não se tem uma grande quantidade de fornecedores, mas pode-se contar com algumas empresas brasileiras, que impulsionam a oferta de títulos em português, e diversas empresas internacionais que oferecem seus recursos. (SERRA, 2014)

Algumas dificuldades prejudicam o bibliotecário na compra de livros eletrônicos, como o receio dos fornecedores de oferecer seu material para as bibliotecas e este ser alvo de pirataria ou ter muita divulgação a ponto de prejudicar as suas vendas de livros impressos (COSTA; CUNHA, 2014). Esse receio faz com que as bibliotecas fiquem sujeitas às vontades dessas indústrias, tornando os fornecedores uma peça determinante do que estará ou não disponível para as bibliotecas (VERGUEIRO, 1989). Além disso, nenhum fornecedor será capaz de abarcar todo o material desejado pela biblioteca, por diversos motivos, como o fato de que nem todos os livros são disponibilizados em formato eletrônico (muitas vezes em decorrência do receio mencionado acima), de que alguns livros somente são publicados em

formato eletrônico para a venda a varejo e, principalmente, um mesmo livro pode não estar disponível através de todos os fornecedores. “““A quantidade de material oferecido por um fornecedor depende muito do seu papel na cadeia logística””” (GRIGSON, 2011, p. 5, tradução nossa).

Apesar das dificuldades, deve-se sempre tentar usar o mesmo fornecedor para a compra de livros, tanto impressos como eletrônicos, pois isso representa uma simplificação administrativa dos pedidos realizados. Portanto, se um bibliotecário precisar de diversas obras, e uma destas, em específico, for indispensável e for disponibilizada somente por um fornecedor, este pode ser um fator determinante na tomada de decisão do bibliotecário, já que o mesmo tenderá a pedir todos os livros da lista desiderata com o mesmo fornecedor e não abdicará da compra de um item altamente requisitado (GRIGSON, 2011 apud COSTA; CUNHA, 2014).

Autores como Grigson (2011) e Costa e Cunha (2014) dividem os fornecedores em três tipos, que seriam os editores, os agregadores de conteúdo e os distribuidores. Serra (2014) aponta ainda mais dois tipos: as lojas virtuais (varejo) e os próprios autores (autopublicação), que não serão explorados neste trabalho por geralmente não estarem próximos da realidade de negociação com bibliotecas. Segue a descrição de cada tipo de fornecedor:

a) editores: são os responsáveis pelas obras editadas, podendo vender diretamente à biblioteca ou à agregadores, distribuidores ou lojas virtuais. As editoras que trabalham com o mercado de livros eletrônicos, principalmente as de grande porte, geralmente já estavam envolvidas no mercado de livros impressos e decidiram expandir seu campo de vendas. Dentre as vantagens da compra através das editoras estão o menor preço de venda de livros agrupados em coleções (comparados a versão impressa), a maior abertura a negociações para atendimento das necessidades específicas da biblioteca que os outros tipos de fornecedores, a eliminação do intermediário na negociação, o que garante novamente um menor preço de venda do material desejado, e o oferecimento, algumas vezes, também de periódicos de interesse da biblioteca, o que é vantajoso para a mesma em termos de negociação, já que evita o esforço de ter que lidar com vários acordos. Dentre as desvantagens, estão o fato de que as editoras vendem somente seus próprios livros, o que requer que a biblioteca mantenha contratos com diversas editoras (isso também acarreta no uso de plataformas diversificadas e oferecimento de treinamento para bibliotecários e usuários em cada uma delas, por falta de padronização das interfaces), a negação de algumas editoras de venderem diretamente à biblioteca, disponibilizando seus títulos somente através de agregadores e distribuidores, a

ocorrência de indisponibilidade de venda de títulos individuais, e a variação de qualidade dos registros MARC de uma editora para a outra (COSTA; CUNHA, 2014; GRIGSON, 2011; SERRA, 2014).

b) agregadores: são empresas que licenciam o material das editoras (incluindo aquelas que não tem suas próprias plataformas de acesso), os agrupam em sua plataforma, depois os vende ditetamente às bibliotecas. Dentre suas vantagens estão a disponibilização dos metadados para inclusão dos registros dos livros nos *Online Public Access Catalogs* (OPACs) e integração com serviços de descoberta, o que é muito importante quando se está lidando com um grande número de títulos, o oferecimento de praticamente todos os modelos de negócios existentes, a possibilidade de venda de coleções de livros ou livros individuais, a simplificação do processo de compra por oferecerem somente um ponto de acesso aos livros e uma única licença para compras de livros de diversas editoras, o fato de geralmente serem pesquisáveis e permitirem buscas avançadas e, por terem sido os primeiros a entrarem no mercado dos livros eletrônicos, costumarem ser pioneiros nas funcionalidades técnicas e opções de compra. Dentre as desvantagens podemos citar as seguintes: o conteúdo que os agregadores fornecem está limitado às licenças que eles conseguem obter (algumas editoras não licenciam nenhum dos seus livros a agregadores ou têm um contrato com um único agregador), o que pode resultar em contratos com mais de um agregador; as suas plataformas são caras; há uma imposição de limites mínimos de compra; não são abertos a negociação de preços e; caso a biblioteca opte por realizar a aquisição perpétua, o valor individual dos livros pode ser mais elevado comparado com a compra através do editor. Os agregadores tem a difícil missão de equilibrar as necessidades das bibliotecas com as das editoras, tentando oferecer acesso às bibliotecas com o mínimo de restrições possível sem afastá-las dos seus negócios com as editoras por não estarem oferecendo lucro às mesmas. Como muitos agregadores oferecem acesso aos mesmos livros, o bibliotecário pode e deve estar atento e avaliar às condições de cada um para melhor tomada de decisão, como quantidade de acessos simultâneos, preços para aquisição perpétua, possibilidade de impressão (total e/ou parcial), entre outros (COSTA; CUNHA, 2014; GRIGSON, 2011; SERRA, 2014).

c) distribuidores: são muito similares aos agregadores, com a única diferença de que a ferramenta de acesso que eles utilizam é a do próprio editor, já que eles não possuem uma plataforma própria. Fora isto, eles também são intermediários das editoras com as bibliotecas, trabalham com variados modelos de negócio, vendem livros tanto individualmente quanto em pacotes e permitem que as bibliotecas comprem uma grande quantidade de títulos de diversas editoras que eles disponibilizam por meio de um único contrato. Suas vantagens são a maior

flexibilidade nas negociações, a possibilidade de compra do livro impresso junto com o eletrônico, a existência de um sistema de notificação às bibliotecas sobre novos títulos que atendam suas especificações e uma linha única de cobrança e recebimento dos registros MARC (que normalmente tem maior qualidade que os oferecidos pelas editoras). Já a desvantagem desse fornecedor é o acesso aos livros em diversas plataformas de cada editora (tendo que pagar pelo uso de cada uma delas) e o fato de nem sempre conseguirem oferecer acesso simultâneo das obras assinadas, limitando ao acesso monousuário (COSTA; CUNHA, 2014; GRIGSON, 2011; SERRA, 2014).

A decisão sobre qual fornecedor a biblioteca irá escolher é importante, já que ela irá afetar diretamente o modo que os usuários acessarão aos livros, já que cada um oferece o acesso de formas distintas (COSTA; CUNHA, 2014). É uma decisão que demanda muita avaliação, visto que alguns livros eletrônicos podem estar disponíveis somente através dos agregadores, já outros através da editora e dos agregadores. Os livros também podem fazer parte de um pacote em uma editora e serem vendidos individualmente nos agregadores. Pode ocorrer ainda de uma empresa trabalhar como vendedora de livros impressos e, ao mesmo tempo, serem agregadoras de livros eletrônicos, tendo os direitos de venda da versão impressa de um livro, mas não da versão eletrônica do mesmo livro, devido às limitações de fornecimento dos agregadores (GRIGSON, 2011). Costa e Cunha (2014) advertem que “devido a essa troca de papéis, os bibliotecários devem estar atentos para evitarem confusão e sobreposição de conteúdo.” (COSTA; CUNHA, 2014, p. 4)

3.1.4.2 Modelos de negócio de livros eletrônicos

Os modelos de negócios são tipos de acordos que usualmente são realizados, neste caso, entre bibliotecas e fornecedores de livros eletrônicos. Os modelos existentes que já são usuais pelo mercado editorial são três: o acesso perpétuo, a assinatura e a aquisição orientada pelo usuário (COSTA; CUNHA, 2014). De acordo com Grigson (2011) modelos de negócio diferentes oferecem diferentes formas de pagamento e de domínio e fazer comparações entre eles pode ser bem difícil, mas para facilitar esse procedimento, ele pode ser quebrado em três etapas: a escolha entre títulos individuais e pacotes; a escolha entre acesso perpétuo e assinatura e; a escolha entre o acesso de um número ilimitado de usuários ou de um número limitado de usuários simultâneos.

Serra (2014) ressalta as diversas restrições dos modelos de negócio de livros eletrônicos, tais como: o acesso individual ou múltiplo, que afeta profundamente os valores dos contratos estabelecidos; o acesso a um número limitado de empréstimos, fazendo com que a instituição seja obrigada a adquirir uma nova licença de uso quando esse número for alcançado; muitas variações de preços, ocorrendo frequentemente situações nas quais o livro impresso pode chegar a ser mais barato que o eletrônico; restrição de venda de lançamentos; obrigatoriedade que o empréstimo seja realizado no espaço da biblioteca; acesso somente através de plataformas proprietárias e; restrições nos empréstimos entre bibliotecas.

Mesmo com todas estas limitações, o bibliotecário deve escolher o tipo de compra mais adequado às necessidades informacionais dos usuários e da instituição na qual a biblioteca está inserida. Deve-se refletir também se é desejável que o orçamento da biblioteca seja usado para um aumento do número de títulos de livros eletrônicos disponíveis aos usuários na biblioteca ou em uma coleção menor, mas que seja atualizada com frequência. Dependendo da necessidade da biblioteca, um modelo específico permitirá, no fim das contas, que haja maior otimização dos gastos (COSTA; CUNHA, 2014).

Segundo Serra (2014, p. 53), “o mercado apresenta possibilidades de aquisição de conteúdos digitais para bibliotecas, porém observa-se que não existe uma regra para a comercialização”. As modalidades de negócios e as formas de acesso aos livros eletrônicos, não têm uma forma estabelecida, o que dificulta a tomada de decisão dos profissionais da informação no desenvolvimento da coleção. Observa-se que os fornecedores ainda estão dando seus primeiros passos e testando seus modelos de negócio e, quando se sentem confortáveis, se tornam mais flexíveis em suas ações. Entretanto, os três modelos de negócio de livros eletrônicos citados acima já estão consolidados no mercado e por isso serão melhores descritos a seguir:

a) aquisição perpétua: esta modalidade é bastante familiar e confortável aos bibliotecários por ser muito parecida com a tradicional aquisição de materiais impressos, onde a biblioteca não se preocupa somente com o acesso atual, mas também com o acesso futuro. Ela consiste no pagamento único ao fornecedor para adquirir o material desejado e ele, em teoria, será mantido em poder da biblioteca perpetuamente. Entretanto, o acesso a esses livros, que geralmente é feito através de uma plataforma *online*, pode ser realizado pela própria biblioteca (com uma plataforma proprietária) ou contratado pelo fornecedor por uma determinada taxa anual de manutenção. Em algumas situações esta taxa pode ser abonada ou descontada caso seja gasto um valor mínimo em novos materiais por ano, mas de qualquer

forma a biblioteca ficará atrelada ao fornecedor com o uso dessa plataforma, mesmo já tendo acesso permanente aos títulos que adquiriu. Caso a biblioteca decida hospedar ela mesma os títulos, muitos fatores devem ser pensados, como preservação digital, espaço de armazenamento, backup, manutenção de servidores, segurança e possíveis conversões dos arquivos na medida em que os formatos vão sendo atualizados, o que implica em muitos gastos. Em ambas escolhas, é necessário criar uma estrutura para assegurar ao máximo o acesso contínuo aos livros eletrônicos, mas ainda não existe uma solução segura e definitiva, o que gera relutância em muitos bibliotecários em colecionar livros eletrônicos. Outro aspecto a ser pensado é que, caso a biblioteca queira oferecer acesso ilimitado a um livro digital, ela terá que comprar “exemplares” desse título, já que, na maioria das vezes, a aquisição perpétua é oferecida pelos fornecedores no padrão monousuário, por receio de o acesso por inúmeros usuários influenciar negativamente nas vendas e traga prejuízo. Esse padrão simula o livro físico, não sendo possível muitas vezes fazer download, imprimir, encaminhar, entre outras funcionalidades, condicionando a utilização do arquivo em um único dispositivo. Por fim, comprar um e-book é geralmente mais caro que pagar uma assinatura, pois além da taxa da plataforma, o preço dos livros podem ser até mais caros que o equivalente do mesmo em formato impresso. Apesar disso, se o objetivo é manter o livro a longo prazo na biblioteca, esta modalidade pode representar um bom custo-benefício (COSTA; CUNHA, 2014; GRIGSON, 2011; SERRA, 2014).

b) assinatura: a biblioteca adquire o direito de acesso aos materiais desejados por, geralmente, um ano. Quando este período termina este contrato pode ser renovado ou o acesso ser suspenso. Por este motivo, os preços da assinatura são geralmente mais baratos que os preços da aquisição perpétua e a cobrança é mais simples, pois quando o pagamento é efetuado anualmente, a taxa da plataforma já está inclusa. Apesar de parecer desvantajoso em um primeiro olhar ter um gasto anual para ter acesso temporário a um material que não representará um crescimento do patrimônio da biblioteca ou aumento no volume de títulos ofertados aos usuários, esse método tem um bom custo-benefício nos casos em que o material desejado tem pouca vida útil, como itens que tratam sobre informática e tecnologia em geral ou um livro comprado para dar suporte a um curso de curta duração. Nesses casos, o acesso perpétuo não é necessário e pode ser considerado até mesmo desvantajoso e despendioso. Normalmente as bibliotecas fazem assinaturas por pacotes com grandes quantidades de títulos formados pelos editores, os quais as obras na versão impressa já apresentaram um boa vendagem, representando um baixo risco de desestabilizar o montante das vendas. Isso pode ser visto positivamente ou negativamente por um bibliotecário, que será auxiliado durante a

etapa de seleção, mas ao mesmo tempo se verá colocando toda a responsabilidade por esse processo decisivo nas mãos dos editores. Um ponto agradável neste modelo é a possibilidade de trocar livros de uma coleção quando é identificado que ele não está sendo útil aos usuários (alguns fornecedores permitem a troca durante o período da assinatura, outros só quando ela é renovada), o que dá uma segunda chance aos bibliotecários de uma seleção mais proveitosa. Este processo, no entanto, é trabalhoso, visto que o catalogador deve manter o catálogo atualizado, mesmo com essas trocas, para que não haja frustração do usuário em tentar acessar um livro que já não está mais disponível. Pode acontecer também de, em uma renovação da assinatura de um pacote, novos títulos serem incluídos nele, o que resultará em um gasto mais elevado, já que os títulos são mais recentes, o que deixa o bibliotecário sem controle orçamental dos gastos com aquisição de material. Outro fato que costuma acontecer bastante em bibliotecas que adotam o modelo de compra por assinatura, e que também pode ser visto como positivo ou negativo, é que, no momento da renovação, os livros que já estavam no pacote passam a ser oferecidos em sua versão mais atualizada, o que garante que a biblioteca permaneça mais atualizada, mas tira da biblioteca a opção de oferecer ao usuário um estudo retrospectivo e estabelecer uma linha do tempo em sua pesquisa. Podemos citar como desvantagens desse modelo a possível dificuldade de algumas bibliotecas em assegurarem o pagamento anual aos fornecedores, a possibilidade de haver gastos desnecessários com materiais que não serão utilizados, e o risco de os editores descredenciarem distribuidores ou agregadores de conteúdo, o que fará com que a biblioteca tenha que analisar se manterá a assinatura com o mesmo fornecedor ou não, visando garantir o acesso aos títulos das editoras participantes (COSTA; CUNHA, 2014; GRIGSON, 2011; SERRA, 2014).

c) aquisição orientada pelo usuário: mais conhecida em inglês por *patron-driven acquisition* (PDA), *patron-driven selection* ou *demand-driven acquisition* (DDA), este modelo consiste na inclusão pelo fornecedor dos registros MARC de todas as suas obras no catálogo *online* da biblioteca, mesmo que não assinadas, criando assim um ponto de descoberta dos títulos. A partir daí, a seleção dos livros eletrônicos que serão de fato adquiridos é feita pelos usuários através do acesso dos mesmos, uma determinada quantidade de vezes, a um material específico, acionando a aquisição do item e seu processo de licenciamento. A biblioteca junto com o fornecedor determinam a quantidade e o tipo de uso que conta para acionar a compra (acesso ao registro, acesso ao texto *online*, download, etc.). Existem algumas variações deste modelo, sendo a primeira delas o empréstimo de curto prazo, também chamado em inglês de *short-term loans* (STL), que consiste no pagamento de uma taxa ao fornecedor de 10 a 20% do valor da obra (além de outras taxas fixas) para cada

acesso requisitado pelo usuário, garantindo a ele um tempo pré-determinado de uso do item. Nesta modalidade a cobrança pode ser feita por capítulo, por livro ou por seção visualizada. Outra variação é a aquisição baseada em evidências, chamado em inglês de *evidence-based selection* (EBS), que pode ser ideal para os bibliotecários que ainda tem receio de perder o controle da seleção do acervo, visto que o modelo consiste no pagamento de uma taxa para disponibilização de uma determinada coleção no catálogo *online* por um ano, para que o bibliotecário possa avaliar as estatísticas de uso daqueles itens, e, após este período, utilizá-las como base para sua aquisição. A aquisição orientada pelo usuário muda a dinâmica da biblioteca de uma aquisição especulativa para uma aquisição do item desejado no momento da necessidade, tirando o poder de escolha das mãos dos bibliotecários e entregando diretamente aos usuários. Este modelo é interessante por diversos motivos, como pelo fato de que todos os livros adquiridos com certeza serão acessados, garantindo um bom custo-benefício à biblioteca, pela maior eficiência no processo de seleção pelos bibliotecários, e pela capacidade de atender instantaneamente às necessidades informacionais dos usuários. Porém, devido à enorme quebra de paradigma das funções biblioteconômicas que este modelo implica, há grandes chances de ele encontrar uma certa resistência entre os bibliotecários mais tradicionais. Além disso, o modelo, assim como todos os outros, não é um modo perfeito de compra, já que apresenta o mesmo problema da compra por assinatura no que se refere a atualidade do catálogo, requer maior atenção ao controle do orçamento por parte da biblioteca e pode resultar em uma coleção desequilibrada, refletindo o interesse de poucos usuários. Entretanto, este risco pode ser reduzido com a tomada de algumas medidas, como a limitação do alcance temático de títulos disponíveis aos usuários, aumento do número de acessos que ativam a compra, determinação que os livros acima de um determinado valor sejam pré-aprovados pelo bibliotecário responsável e definição de um limite de valor a ser gasto em um determinado período. Portanto, estabelecer limites é a chave para que este modelo funcione da melhor forma em uma biblioteca, principalmente naquelas com maiores restrições orçamentárias (BUCKNELL, 2012; COSTA; CUNHA, 2014; GRIGSON, 2011; SCHROEDER; WRIGHT, 2011; SERRA, 2014).

2.1.5 Desbastamento

Desbastamento é uma palavra que tem suas origens no campo da Biologia, dada para o ato de “limpeza” das árvores, quando elas estão sem forma e com ramos excessivamente grandes. Também é definido como “a prática do descarte ou transferência para um depósito de cópias excedentes, livros raramente utilizados e materiais sem utilidade” (MCGRAW, 1956, p. 270 apud EVANS, 1979, p. 216, tradução nossa). Este processo tende a ser sempre rodeado de dúvidas e incertezas, visto que nunca se sabe quando/se um item do acervo será finalmente útil, porém é importante ressaltar que ele é uma iniciativa muito importante que visa melhorar o acesso do usuário ao acervo, ampliar o espaço da biblioteca e reduzir gastos. Pode parecer estranho dizer que o desbastamento ajuda na redução dos gastos da biblioteca, mas cada livro a mais representa um gasto a mais em termos de preservação, conservação, restauração, alocação, limpeza (higienização), entre outros.

Weitzel (2013) cita as seguintes razões pelas quais um item do acervo pode ser remanejado/descartado: documentos que apresentam algum valor, por ser raro ou importante para a comunidade a que serve, sendo assim alocados em ambientes controlados; obras que necessitem de ações de preservação/conservação, podem ser retiradas para outro ambiente dedicado a este fim; obras com taxas de uso abaixo da média.

Para que não haja dúvidas com relação ao descarte de um item, pode ser estipulado um período de tempo no qual o mesmo será remanejado para um ambiente reservado (ele não será mais parte do acervo, porém estará disponível, caso um usuário o procure) e, caso não apresente procura durante este período, o descarte é efetuado.

Em algumas bibliotecas brasileiras, como a da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), existe um sistema no qual é separada uma área dentro da biblioteca onde os livros com menor fluxo de movimentação são alocados, denominada armazém, e é também alugado um depósito, distante da biblioteca, para remanejamento e guarda de materiais que já estão há um determinado tempo sem serem emprestados ou consultados.

Nas instituições públicas, deve-se atentar para o decreto nº 99.658, que “Regulamenta, no âmbito da Administração Pública Federal, o reaproveitamento, a movimentação, a alienação e outras formas de desfazimento de material.” (BRASIL, 1990), que oferece um guia de classificação dos materiais inservíveis como ociosos, recuperáveis, antieconômicos ou irrecuperáveis, e dá instruções de como proceder em cada um dos casos. Este decreto permite, por exemplo, que um material desbastado tenha maior visibilidade em

âmbito nacional e que uma outra instituição que se interesse pelo item tenha a oportunidade de adquiri-lo.

2.1.6 Avaliação

Evans (1979, p. 235, tradução nossa) apresenta uma definição bem objetiva do que seja processo de avaliação quando diz que ele é o ““julgamento do valor de X baseado em uma comparação, implícita ou explícita, com um valor conhecido de Y””, onde ““X”” representa todo o trabalho realizado pela biblioteca e ““Y”” o retorno que era esperado desse trabalho. Já Weitzel (2013, p. 58) destaca, a esse respeito, que ““a rotina do processo de avaliação envolve planejamento, diagnóstico das coleções, aplicação de padrões e critérios, e controle de dados de uso, valor e qualidade, de um modo geral.””.

Em suma, a avaliação no processo de desenvolvimento de coleções consiste em conferir se tudo o que foi executado em todas as outras etapas foram ações com resultados positivos, que atenderam seus propósitos iniciais. Se tudo estiver de acordo com o planejado, as ações devem continuar seguindo o mesmo caminho, porém sendo flexíveis com as mudanças das necessidades da comunidade. Se não, deve-se identificar o ponto falho e corrigi-lo. Parece um processo bastante objetivo, porém, como dito acima, esta atividade envolve planejamento e controle de dados de uso (dados estes que não são poucos), além de um julgamento de valor que, se não definido previamente, pode se tornar bastante subjetivo.

Essas dificuldades desestimulam o profissional bibliotecário, que não consegue ver objetivamente a utilidade dessa ação e faz com que esta etapa do processo de desenvolvimento de coleções seja a mais ignorada nas bibliotecas, o que precisa ser modificado, já que ela é o motor de todo o processo. Muitas vezes, por negligenciar esta etapa, o bibliotecário se vê em uma situação de ““efeito dominó””, onde em algum momento algo que foi feito em outra etapa do processo dá errado e as coisas começam a desencaminhar uma a uma, gerando, por fim, uma falta de entendimento do motivo que causou tudo isto e dificuldade para corrigir o problema, por desconhecer sua raiz. A avaliação é o ponto que conecta todos os outros pontos, permitindo que façamos uma observação crítica do estado atual da biblioteca e tiremos conclusões realistas sobre o serviço oferecido pela biblioteca e alinhamento de interesses entre a mesma e as necessidades da comunidade.

Quanto à questão de definição de valor, Evans (1979) nos auxilia fornecendo modelos de questões que devemos nos perguntar enquanto avaliamos nossas coleções: a coleção é ampla, variada e atualizada? Ela é suficiente para os campos especializados e técnicos da comunidade? Ela está sendo expandida de forma a preencher possíveis buracos e sendo

desbastada eficientemente para mantê-la atualizada? Ela está sendo complementada, e não substituída, por empréstimos entre bibliotecas? Ela está sendo alimentada o suficiente de forma a se manter atualizada sobre os avanços nos campos de interesse? Estas questões permitem a análise das consequências de todo o trabalho realizado em todas as etapas anteriores, completando, desta forma, todo o ciclo do processo de desenvolvimento de coleções.

3 LIVROS ELETRÔNICOS (E-BOOKS)

Dentre as diversas revoluções sociais causadas pelo advento da internet, destaca-se, neste trabalho, o livro eletrônico ou, como é chamado em nível internacional, o e-book. Sua origem é motivo de muita divergência entre autores sobre quando teria surgido, variando bastante cronologicamente e também com relação aos suportes que consideram predecessores dos que são utilizados atualmente.

De acordo com a pesquisa realizada por Serra (2014), o livro eletrônico teria sido idealizado em 1931, por meio da iniciativa *Talking Book Program* (Programa dos livros sonoros, tradução do autor), desenvolvido pela *American Foundation for the Blind* (Fundação Americana para os Cegos, tradução do autor), considerando, desta forma, livros em formato de áudio como livros eletrônicos. Após isto, teria surgido em 1945 a ideia do Memex (Memória expandida), elaborada por Vannevar Bush, que seria uma máquina capaz de armazenar informações em diversos formatos e poderiam ser consultadas em qualquer lugar e a qualquer hora, além de permitir que fossem feitas anotações nos textos. Já para Silva e Bufrem (2014), conceitos similares ao que viria ser o livro eletrônico somente foram criados em 1968, quando Allan Kay, cientista norte-americano da *Xerox Corporation*, previu o aparecimento em 1990 do *Dynabook*, que seria um livro que funcionaria como um computador portátil, com baixo consumo de energia e agregando diversas características dos livros impressos, como o tamanho, aspecto, duas telas com formato de páginas – com um “virar de páginas” eletrônico, etc. Em 1986, foi lançado o *Data Disc*, um aparelho que possuía uma tela de cristal líquido, um teclado e um espaço para que se pudesse inserir um disquete laser, que daria acesso a uma grande quantidade de textos completos. A forma de uso do *Data Disc* era a mesma idealizada por Kay, mas com o diferencial de que era possível executar buscas por palavras no texto. Essas prévias do livro eletrônico já nos dão sinais de como a sociedade não estava nem um pouco propensa a abandonar as características do livro impresso, como a paginação, divisão por capítulos, entre outros. Sobre isto, Silva e Bufrem (2014, p. 3) afirmam que “A forma, praticamente inalterada desde o surgimento do códice, comprova ser o livro um dos objetos mais aperfeiçoados e apreciados que a cultura ocidental criou”.

Existem diversas vantagens e desvantagens na utilização dos livros eletrônicos, que atingem tanto seus usuários comuns como as bibliotecas. Dentre as vantagens estão a utilização de instrumentos de acessibilidade (leitura de voz, aumento do tamanho da fonte, entre outros), compartilhamento do arquivo entre dispositivos, permissão de ajustes como a

alteração de brilho da tela, rotação e tipo de fonte, de acordo com o gosto do leitor, a possibilidade de carregar uma biblioteca inteira em um único dispositivo, acesso a conteúdo multimídia, entre outras. Sobre as vantagens específicas para as bibliotecas, pode-se citar o fato dos livros ficarem disponíveis a qualquer hora para os usuários (mesmo com a biblioteca fora do horário de atendimento presencial), nunca serem perdidos ou danificados e não ocuparem espaço físico nas estantes. É importante lembrar também que os livros eletrônicos tornaram a aquisição de somente partes de monografias fácil e, o mais importante, legal, o que não ocorria com os livros impressos (SERRA, 2014). Sobre as vantagens dos e-books sobre os livros impressos, Weitzel (2002, p. 65) destaca:

Não há precedente na história da humanidade de um formato de registro da informação que ofereça tantos recursos de edição e recuperação de dados em questão de segundos e, o que é mais importante, sem a necessidade de deslocar-se fisicamente para obtê-los. Basta dispor-se da infra-estrutura necessária para se conectar à Internet, como um microcomputador com modem, uma linha telefônica, softwares apropriados para este fim e um provedor.

Dentre as desvantagens, era esperado pelos consumidores que o livro eletrônico representaria uma competitividade em relação aos impressos em termos de custo, o que não é uma realidade. ““O livro digital é cerca de 30% mais barato que o livro impresso.”” (SERRA, 2014, p. 117). Procópio (2013, p. 189) confirma esta afirmação quando diz que:

A produção, tanto dos títulos em versão impressa como dos títulos eletrônicos, envolve custos com processos como seleção de originais, preparação de texto ou copidesque, revisão (o texto original, às vezes, passa por duas ou três revisões), pesquisa de imagens para o miolo e até para a capa do livro, criação de ilustrações, gráficos ou tabelas, ISBN, ficha catalográfica e fechamento de arquivos.

Além disso, quando se trata da aquisição de livros eletrônicos, deve-se sempre pensar também nos gastos que este suporte implica, tais como: a aquisição de equipamentos para acesso aos mesmos, manutenção de rede, *backup*, treinamento de alunos e funcionários etc. A consideração desse custo envolvido podem resultar no maior custo da biblioteca no caso de uma aquisição de livros eletrônicos se comparada à aquisição de livros impressos.

De acordo com Serra (2014, p.119) ““A paginação dos livros digitais também representa desafios. Algumas obras simplesmente não a possuem, enquanto outras mantêm uma numeração, porém duvidosa.””, ressaltando que a possibilidade de alteração do tamanho ajuda nesse fator e que isso dificulta a localização exata de trechos.

Os fatores que mais ressaltam a desvantagem dos e-books são a falta de acesso a esse tipo de tecnologia por grande parte da população e a pequena quantidade de obras digitais existentes atualmente, se comparado aos livros impressos. Procópio (2013) confirma que, apesar de este ser um mercado crescente, do Google digitalizar cerca de um milhão de livros a cada ano e da Amazon, detentora de pelo menos 60% do mercado mundial de livros eletrônicos, afirmar que a cada quatro exemplares que são vendidos de uma obra, uma é eletrônica, é estimado que existam hoje por volta de trezentos mil comercializados na versão impressa contra somente vinte mil títulos disponíveis em versão digital, justificando a pouca procura pelos mesmos. De acordo com a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, realizada em 2012 pelo instituto Pró-Livro, dos 95,6 milhões de leitores do país, apenas 1% recorre aos livros digitais. (PROCÓPIO, 2013)

De acordo com Serra (2014), livros eletrônicos podem apresentar três definições: a primeira se refere ao equipamento (*hardware*¹), que permite que o leitor entre em contato com o documento, podendo possuir características especiais para leitura, como uma tela de papel eletrônico (que imita o papel convencional) ou com retroiluminação; a segunda trata sobre a aplicação de software², que possui as funções básicas de leitura, como passar páginas, sublinhar, fazer anotações, etc., e algumas vezes opções adicionais, como buscas de significado das palavras no dicionário; a terceira se refere ao próprio texto em formato eletrônico, visto na aplicação de software, através do equipamento. Rao (2005, p. 119, tradução nossa) corrobora essas definições afirmando que:

A palavra e-book é utilizada com frequência para descrever simultaneamente conteúdo, formato, software leitor e dispositivos leitores. Contudo, distinções podem ser feitas. E-book como conteúdo se refere ao componente de propriedade intelectual, e-book como formato se refere ao documento ou formato de arquivo, leitor de e-book se refere ao software que permite que alguém leia vários tipos de formatos em uma série de hardwares, e dispositivos leitores de e-book se refere ao hardware portátil disponível para leitura de e-books.

Procópio (2013, p.186) insiste que ““[...] as macrotendências apontam que o livro digital se tornará uma realidade no mundo quando houver a convergência perfeita entre hardware, software e conteúdo”” e que ““[...] o futuro do livro é ser impresso. Sempre impresso. Seja numa tela de papel, seja numa tela eletrônica, seja numa tela qualquer que esteja nas mãos do leitor”” (PROCÓPIO, 2013, p. 69).

¹ Também chamado de suporte, o *hardware* é a parte física de um equipamento destinado à realização de uma função tecnológica.

² Programas que direcionam as operações dos equipamentos eletrônicos.

3.1 LIVROS ELETRÔNICOS: SUPORTE (HARDWARE)

Desde as paredes das cavernas até os livros eletrônicos os suportes informacionais traçaram um longo percurso. O que une todos estes suportes já utilizados pelo ser humano é a capacidade de fazer com que os textos se materializem, desta forma, todos eles podem ser considerados um hardware. Atualmente, no ranking dos hardwares mais populares estão em primeiro lugar os *tablets* e os *smartphones*, logo depois seguem os *notebooks* e *netbooks* e, em último lugar, os *e-readers* (PROCÓPIO, 2013). Além disso, Rao (2001) acrescenta que os aparelhos leitores de livros eletrônicos apresentam a desvantagem de não possuírem interoperabilidade, o que quer dizer que livros eletrônicos comprados para um leitor, não podem ser lidos em outro. A tendência que a evolução dos suportes informacionais nos aponta é a de que os usuários de livros eletrônicos os utilizem cada vez mais através de equipamentos portáteis e de uso geral ao invés dos equipamentos feitos especialmente para os livros digitais, os *e-readers*. Isso se deve ao fato de que os equipamentos citados inicialmente já são familiares aos consumidores, são multifuncionais (o que permite a economia na hora da compra, além de, claro, a oportunidade de ter vários aparelhos em um), oferecem hardwares de melhor qualidade (em termos de display, processador etc.), e, por fim, os *e-readers* geralmente são oferecidos com displays monocromáticos (preto e branco), o que gera uma limitação em termos de ilustrações e arquivos multimídia nos livros, por exemplo, fazendo com que os *e-readers* não consigam competir com os aparelhos de uso geral na apresentação de conteúdos onde as cores são importantes (LYNCH, 2001; PROCÓPIO, 2013).

Dentre as características citadas por Procópio (2013) como sendo o foco do consumidor, estão as especificações técnicas, tamanho, peso, legibilidade, custo médio de venda, acessibilidade (com relação à conectividade com a internet), durabilidade, entre alguns outros fatores. Entretanto, o autor aposta que no futuro, não haverá diferenças entre os equipamentos (*notebooks*, *tablets*, *e-readers*, etc.) e todos convergirão em um só, voltados para a comunicação e acessibilidade do consumidor, permitindo que o mesmo somente precise escolher o tamanho da tela, peso e quais aplicativos irá querer em seu gadget. Ianzen, Pinto e Wildauer (2013, p. 204) afirmam que “com o desenvolvimento de novos aparelhos para aceitabilidade dos e-books, estes têm evoluído e apresentando mais e melhores funcionalidades, despertando grande interesse da população e em instituições de ensino”.

Bottentuit e Coutinho (2007) afirmam que diversas empresas estão empenhadas em melhorar a experiência de leitura de seus hardwares, fazendo com que fiquem mais práticos e adequados. Alguns exemplos de iniciativas nesse sentido são a criação dos *Flexible Displays*,

ou telas flexíveis, que permitem que os usuários dobrem a tela da forma que mais lhes aprouverem, e o Braillebook, que permite uma experiência de leitura mais confortável e prática para os deficientes visuais. Outra medida comentada por Lynch (2001) é o uso de modems para que os aparelhos façam download diretamente dos serviços de venda de livros, tornando-o independente de um computador, e o constante aumento em suas capacidades de armazenamento.

3.2 LIVROS ELETRÔNICOS: APLICATIVO (SOFTWARE)

Com relação aos aplicativos utilizados como meio de se acessar os livros eletrônicos em um hardware, temos dois tipos, sendo o primeiro o que é utilizado somente para leitura dos arquivos, armazenamento e controle de títulos em suas estantes virtuais e que podem ser adquiridos em qualquer repositório externo, e temos o aplicativo que serve, simultaneamente com o propósito da leitura, como um meio de comercialização do livro eletrônico como conteúdo, podendo acessar, para este propósito, seus metadados e incluindo o *gateway* de pagamento (carrinho de compras). Este tipo de aplicativo já está sendo disseminado fortemente pelas grandes editoras do ramo e já há uma estimativa de que os repositórios presentes nos aplicativos serão responsáveis por cinquenta bilhões de downloads em 2015, o que acabará forçando o caminho dos livros até esta plataforma (PROCÓPIO, 2013).

O foco do consumidor ao adquirir um aplicativo, segundo Procópio (2013), é a sua interoperabilidade, compatibilidade com os diversos sistemas e plataformas existentes atualmente, usabilidade e interface gráfica. Rao (2005, p. 119) afirma que:

O livro eletrônico tem que ser lido por um aparelho específico que contenha um software ou hardware de computador. Entretanto, é evidente que estamos caminhando em direção aos sistemas híbridos, com softwares de leitura, de propósito geral ou proprietário, permitindo a transformação do computador em um aparelho de leitura de livros eletrônicos.

Algo também desejado e uma tendência pro futuro é que estes aplicativos de leitura e compra de livros se tornem *cross-platform* e *multi-devices*, permitindo que ele seja executado em múltiplos equipamentos com diversas características diferentes, de diversas marcas e sistemas, não sendo necessário desenvolver uma versão exclusiva para cada um deles. Lynch (2001) corrobora esta informação afirmando que nem todo livro eletrônico pode ser lido por todos os softwares e que alguns são feitos focando especificamente para alguns softwares específicos, enquanto outros podem ser facilmente rodados em qualquer outro.

A incompatibilidade dos softwares é realizada propositalmente pelas empresas globais, que impõem o uso de seus próprios aplicativos, como a Apple que tem seus aplicativos desenvolvidos em linguagem C, que é uma linguagem de programação bastante específica e conhecida tecnicamente como de nível máquina, e também a Amazon, que se utiliza do formato proprietário, comercializando seus arquivos na extensão .mobi. Como resultado dessa iniciativa, os autores muitas vezes escolhem deliberadamente o mercado que eles acreditam que seja mais vantajoso em termos de alcance de divulgação, rentabilidade, ou melhor representação de seu trabalho em seu software específico. Essa limitação causada pelas empresas pode ter fortes ligações com o fato de os números de títulos disponíveis no formato eletrônico serem baixos, pois os usuários preferem a liberdade de um livro impresso a se verem presos a um determinado software/aparelho, e é exatamente por isso que os livros eletrônicos não devem de forma alguma ficar presos a plataformas de exploração comercial duvidosa para proporcionar às empresas ou aos autores vantagem competitiva. (LYNCH, 2001; PROCÓPIO, 2013; RAO, 2001)

Se faz necessária a criação de uma plataforma que converse com os principais formatos existentes no mercado atualmente, como no caso do *Portable Document Format* (PDF), *Electronic Publication* (ePub) e *HyperText Markup Language 5* (HTML5), permitindo a interoperabilidade no consumo de livros e possibilitando o acesso a novos títulos pelos leitores, sem precisarem se preocupar com a questão tecnológica envolvida nesse processo (PROCÓPIO, 2013). Para o usuário, o software deve ser invisível, simples, confiável e robusto, porém eles continuam complexos e frágeis. (LYNCH, 2001)

De acordo com Rao (2001) são dez os softwares mais populares do mercado, porém, Silva e Bufrem (2001) resumem essa lista a quatro softwares (inclusos na primeira lista), que são os mais citados na literatura, a saber:

a) *Acrobat Reader*: leitor do formato PDF; suporta gráficos de alta qualidade; permite anotações; facilita a encriptação; gratuito.

b) *Microsoft Reader*: concebido para oferecer leitura análoga à do papel em termos de paginação; inclui ferramentas de marcação de texto e anotações; oferece boa resolução para as fontes; possui dicionário integrado; gratuito.

c) *Glassbook*: o mais sofisticado dos quatro; reproduz as características do livro impresso; possui dicionário integrado; oferece busca por texto; inclui ferramenta de marcação de texto; oferece leitura em modo retrato; conectado à internet, é capaz de efetuar compras de livros e fazer empréstimos; gratuito.

d) *Rockets*: software criado para ser utilizado no leitor portátil *Rocket e-Book*; para quem não possui o leitor da empresa, eles oferecem um programa gratuito que simula o aparelho na tela do computador.

3.3 LIVROS ELETRÔNICOS: CONTEÚDO

Sob a perspectiva do conteúdo dos livros eletrônicos, eles nada mais são que a “alma” dos livros eletrônicos, aquilo que se pode ver através dos hardwares e softwares, ou seja, os formatos dos arquivos de texto. De acordo com Chartier (1994, p. 100) a “representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico”. Sobre o livro eletrônico como conteúdo, Procópio (2013, p. 43) afirma que:

[...] a revolução tecnológica atinge os livros em seu principal item: o conteúdo. O eBook faz renascer o livro porque seu conteúdo pode ser acessado através dos dispositivos populares, portáteis, como tablets, que vêm substituir a prensa, a biblioteca, a livraria e o próprio suporte de leitura. É como se aquilo que estivesse ao redor do conteúdo de tornasse supérfluo, dispensável.

Uma característica fascinante dos livros eletrônicos é o fato de que eles podem ser completamente diferentes dos tradicionais livros impressos, pois eles não estão atrelados a um objeto físico (RAO, 2005). O próprio desenvolvimento dos formatos já cria um desafio para o mercado editorial, para que eles criem livros diversificados e que fujam totalmente do padrão do formato impresso (IANZEN; PINTO; WILDAUER, 2013). Lynch (2001) afirma que os livros eletrônicos podem cobrir uma gama de tipos de materiais, indo de traduções literais de livros impressos através do escaneamento das páginas, gerando um arquivo em formato PDF, até complexos trabalhos digitais, que não são possíveis de ser convertidos para a forma impressa.

Dentre as características destacadas por Procópio (2013) como as principais do ponto de vista do consumidor em relação ao conteúdo dos e-books estão a quantidade, qualidade, universalidade, distribuição, compartilhamento, preço médio para o consumidor, entre outras. Neste contexto, podemos citar os formatos PDF e o ePub como os preferidos dos consumidores em geral do livro eletrônico, sendo o ePub menos utilizado, ainda que em ascensão. Apesar de estes formatos já estarem quase consolidados, experiências têm tentado

introduzir no mercado editorial brasileiro a comercialização de livros no formato HTML, por inúmeros fatores que serão comentados em breve.

A popularidade dos arquivos em formato PDF surge junto com as primeiras gerações de livros eletrônicos, e ele é popular principalmente por conseguir reproduzir fielmente arquivos impressos, pela capacidade de leitura de livros escaneados (importante com relação ao acesso a livros raros), sua compatibilidade de extensão com várias plataformas já existentes, seu tamanho compacto dos arquivos (sem perder a qualidade) e pela visualização de imagens, caracteres matemáticos e fontes não romanas, sendo empregado largamente tanto em livros como em periódicos e representando uma volta à leitura vertical, como era feito com os pergaminhos ou rolos de papiro. Estes motivos claramente justificam o fato de aproximadamente 85% dos downloads de e-books no país serem feitos em PDF (LYNCH, 2001; PROCÓPIO, 2013).

Já o formato ePub agrega as funções do HTML, *Extensible Markup Language* (XML) e *Code Composer Studio* (CSS), sendo um padrão aberto e desenvolvido em 2007 pelo *International Digital Publishing Forum* (IDPF) (IANZEN; PINTO; WILDAUER, 2013). Este formato é bastante popular entre aqueles que buscam um formato que traga uma similiaridade com o já conhecido livro impresso, pois possui características que imitam o livro em formato de códice, como já estamos acostumados, ou seja, a leitura dele é feita na horizontal e apresenta alguns recursos que imitam a sensação de estar lendo um livro impresso, como virar a página (algumas vezes até com recursos de áudio) (SERRA, 2014). Em uma época de transição, a busca por algo similar ao que já vinha sendo produzido é recorrente e compreensível, já que muitos usuários já estão conectados emocionalmente à sensação de ler um livro impresso. De acordo com Ianzen, Pinto e Wildauer (2013, p. 207):

Até o surgimento do ePub, os fabricantes de e-readers procuravam criar um formato compatível com o seu próprio e-reader, os chamados formatos proprietários, de forma a garantir que o leitor que o adquirisse, tivesse que comprar os livros somente de sua própria plataforma. O ePub veio tornar-se um unificador de tecnologias, tornando-se o formato padrão usado pela maioria dos aparelhos desenvolvidos para esse fim.

Procópio (2013) é um grande apoiador do avanço da utilização do formato HTML5, pois ele permite a inserção e posterior acesso (independente de hardware) a textos, sons, imagens e vídeos, facilita a criação de páginas para os autores para publicação de suas obras e divulgação de seu trabalho, possibilita a inserção de links internos (para outro local do livro) e externos (para qualquer outro conteúdo a parte), permite integração direta com sistemas de e-

commerce, incentiva um design mais rico por não estar preso a nenhum tipo de software, é um formato universal baseado em padrão convergente, entre vários outros motivos. De acordo com Lynch (2001), o uso deste formato é apoiado por diversas companhias, incluindo a *Microsoft*, e muitos dos produtos que estão no mercado atualmente tem como base o HTML. Procópio (2013, p. 231) complementa dizendo:

A tecnologia HTML5 representa o formato mais convergente do mercado no passado, no presente e no futuro. Além das possibilidades apresentadas, o HTML5 também potencializa o uso de recursos gráficos através de imagens nos formatos GIF, JPEG e PNG. A tecnologia habilita a reprodução de som e vídeo em diversos formatos sem a obrigação de um player previamente instalado. Ideal para livros didáticos.

Lynch (2001) afirma que a existe uma guerra entre o PDF e o HTML que permanecerá sem solução, pelo menos a curto prazo, pois eles são complementares em seus pontos fortes e fracos e, por este motivo, ele também é levado a acreditar que ambos irão sobreviver. O autor diz ainda que nenhum dos dois formatos é particularmente hospitaleiro com os novos gêneros de livros, mas que o HTML é o melhor dentre os dois, por se basear em padrões Web.

A ausência de definição do formato padrão de conteúdo de livros eletrônicos pelas empresas editoriais prejudica também a padronização dos aplicativos para a leitura dos e-books e seu desenvolvimento. Visando dar início a esse processo, a *World Wide Web Consortium* (W3C) organizou um workshop em 2012 com o objetivo de promover o livro eletrônico em um padrão chamado Plataforma *Open Web*, introduzindo ao mercado a ideia de utilização de padrões de tecnologia abertos, como o HTML, CSS, *Scalable Vector Graphics* (SVG), XML e o *Portable Network Graphics* (PNG) (PROCÓPIO, 2013). Existe também uma iniciativa, que engloba os maiores fabricantes de leitores de livros eletrônicos, algumas grandes editoras, a *Microsoft*, entre outros, que é o *The Open eBooks Authoring Group*, que buscou definir especificações para a criação de um único padrão de formato e estrutura (tanto para hardware, software e conteúdo), que permitiria que os livros digitais pudessem ser lidos em uma grande variedade de dispositivos de leitura. Em 1999 eles lançaram as primeiras especificações, que incluem que o formato seja não proprietário e não comercial (como o XML e o HTML), que ele não tenha nenhuma proteção por copyright e que os sistemas de leitura não necessariamente precisem ler formatos que não seguissem essas especificações (como o PDF) (RAO, 2001).

4 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

O que se entende hoje por bibliotecas universitárias remonta à idade média, porém com algumas características divergentes, devido à aspectos organizacionais das universidades e religiosos. De acordo com Ferreira (2012, p. 77) “Tomando para si a função de instrução baseada no estudo das leis, do latim e dos ensinamentos teológicos, as corporações de mestres e discípulos do século XII denominadas *universitas* estavam intimamente ligadas à Igreja”. Partindo desta ligação inicial à temática religiosa, rapidamente as bibliotecas foram se ampliando para outros temas, em especial, os científicos. O acesso, obviamente, não era dos mais fáceis, visto que os livros ainda eram manuscritos e em pouca quantidade, porém, com o aumento do número de universitários, a procura crescia, assim como a produção intelectual. Com a criação dos tipos móveis por Gutemberg, esta produção cresceu exponencialmente e também foi se consolidando a ideia da democratização da informação. Com o tempo, os bibliotecários foram percebendo que era necessária maior especialização por parte deles para atender a esse novo perfil de usuários com maior acesso à informação, abandonando por fim a sua passividade (MORIGI; SOUTO, 2005).

De acordo com Dias, Silva e Cervantes (2013) foi durante a Reforma Universitária de 1968 que ocorreu o marco das mudanças ocorridas nas bibliotecas universitárias, já que o sistema de ensino superior foi reordenado e foram criadas universidades a partir de faculdades e escolas, além de novos modelos de gerenciamento, impactando fortemente as bibliotecas. Devido a essas mudanças, os bibliotecários viam a necessidade de criar um ambiente onde eles pudessem compartilhar suas preocupações, questões e discussões, então foi criado um evento chamado Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), que teve sua primeira edição em 1978 e é organizado até hoje a cada dois anos.

A biblioteca universitária moderna, fruto das adaptações sofridas ao longo de todos estes anos, ainda mantém o seu foco, que é atender as necessidades informacionais do corpo docente, discente, pesquisadores e técnicos-administrativos, desenvolvendo sua coleção de forma a atender os conteúdos programáticos e projetos acadêmicos oferecidos pela universidade na qual é parte integrante (MIRANDA, 2007). Esta visão é respaldada por Silvia, Conceição e Braga (2004, p. 135), que afirmam que:

A biblioteca universitária está diretamente ligada ao ensino superior e é uma instituição fundamental para auxiliar no processo de aprendizagem. Sua influência está ligada ao auxílio, ao ensino, à pesquisa, ao atendimento a estudantes universitários e à comunidade em geral. Seu papel é suprir as

necessidades de informações técnicas, científicas e literárias ao ensino, à pesquisa e à extensão.

E também por Cunha (2010, p. 6):

As bibliotecas universitárias são organizações complexas, com múltiplas funções e uma série de procedimentos, produtos e serviços que foram desenvolvidos ao longo de décadas. No entanto, o seu propósito fundamental permaneceu o mesmo, isto é: proporcionar acesso ao conhecimento. Esse acesso ao conhecimento é que irá permitir que o estudante, o professor e o pesquisador possam realizar suas aprendizagens ao longo da vida.

Para que possa atender as necessidades informacionais científicas da comunidade acadêmica, que estão em constante evolução, se faz necessário que os bibliotecários se mantenham constantemente atualizados quanto às novas ferramentas que eventualmente apareçam e auxiliem no atendimento ao usuário. Conforme Schweitzer (2007, p. 82):

[...] cada vez mais as atividades desenvolvidas por estas unidades de informação devem visar a plena utilização da informação seja qual for seu suporte. É necessário que o profissional que atua nesta instituição esteja apto a trabalhar com novas ferramentas tecnológicas, desenvolver novos produtos de acesso à informação e oferecer um trabalho otimizando a prestação de serviços de informação.

Ribeiro (2012, p. 42) afirma que a ““[...] tecnologia da informação e comunicação (TIC) presente no domínio coletivo como a tecnologia provida por recursos computacionais entrou na vida das BUs a partir do século XX””. Após este período da história era inevitável não ceder ao uso das inovações tecnológicas que surgiam na época, fazendo com que quase todos os processos (como o de classificação, catalogação, indexação e serviço de referência) fossem automatizados e informatizados, trazendo grandes mudanças nas formas de comunicação entre os bibliotecários em si e entre os profissionais e os usuários, construindo novas formas de sociabilidade (SCHWEITZER, 2007). Esse avanço tecnológico também colaborou para que as bibliotecas universitárias fossem uma das principais compradoras dos livros eletrônicos, visto que ““a demanda por informação e fontes de referência impulsiona a inclusão dos livros digitais nos acervos, atendendo a necessidade de informação de estudantes e professores”” (SERRA, 2014, p. 40-41)

Ferreira (2012) associa a realidade tecnológica das bibliotecas com um estágio avançado do capitalismo, no qual o uso intensivo de TIC é predominante, devido principalmente ao acesso e disseminação de conteúdo na rede. O autor destaca também que o entendimento desse processo é fundamental para compreensão da noção de sociedade da

informação e que ele pode ser visto de uma forma boa ou ruim, pois ao mesmo tempo que favorece a circulação do conhecimento em rede de forma globalizada, aprofunda ainda mais as desigualdades sociais entre os indivíduos, grupos e entre países ricos e pobres. Portanto, é missão da biblioteca universitária, como promotora da extensão do ensino e aproximadora de instituições produtoras de conhecimento da sociedade, colaborar para a diminuição dos efeitos excludentes do mercado tecnológico e editorial sobre os consumidores de informação de menor poder aquisitivo.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção será apresentada a metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho no que se refere ao seu modelo de pesquisa, às técnicas de coleta e análise de dados e a população/amostra utilizada.

5.1 MÉTODO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada de forma exploratória, por se tratar de uma situação na qual se busca criar maior familiaridade com o tema, com o objetivo de torná-lo explícito e aprimorá-lo (GIL, 2002). O modelo de pesquisa adotado foi o levantamento bibliográfico, por meio do Portal da Capes, de artigos contidos em bases de dados relacionadas à grande área do conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, área do conhecimento da Ciência da Informação, buscando especificamente nas bases da subárea de Biblioteconomia e fazendo a seleção através da busca por palavras-chave.

5.2 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Os artigos utilizados como material de pesquisa para a realização deste trabalho foram selecionados por meio de uma busca avançada por área do conhecimento na busca por bases de dados no Portal de Periódicos da Capes e, posteriormente, uma seleção por palavras-chave, verificação de disponibilidade dos textos completos dos artigos nas bases de dados e análise da pertinência dos mesmos com o objetivo do trabalho.

A partir da seleção da opção de busca pela grande área de Ciências Sociais Aplicadas, área do conhecimento da Ciência da Informação, foram encontradas trinta bases de dados, dentre estas, somente duas foram identificadas como sendo dedicadas precisamente à categoria “Ciência da Informação”, que foram as bases de dados *Library and Information Science Abstracts* (LISA) e *Information Science & Technology Abstracts* (ISTA)³ (APÊNCICE A).

Nas bases LISA e ISTA foram realizadas buscas avançadas, por assunto, compreendidas com a utilização do operador booleano “AND” para mesclar as buscas pelas seguintes palavras-chave: *collection development*, *electronic books*, *e-books*, *acquisition* e

³ A base de dados ISTA é dedicada também à área do conhecimento de Museologia.

university libraries. A partir destas buscas foram recuperadas listas de artigos potencialmente úteis para a pesquisa e descartados os artigos que não tiveram seus textos completos disponibilizados pelas bases de dados, como forma de reduzir a grande quantidade de artigos recuperados e otimizar o processo de pesquisa.

5.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA

Após as buscas nas bases de dados foi localizada uma quantidade significativa de artigos e todo este material sem qualquer tipo de seleção dificultaria bastante o processo de pesquisa com relação ao tempo disponível. Para resolver isto de forma a não comprometer o resultado da pesquisa, foi realizado um processo de organização inicial, onde todos os artigos foram listados em uma planilha por ordem alfabética, para possível constatação de artigos com a mesma representação descritiva (o que não foi o caso) e, posteriormente, foram descartados os artigos que não tiveram seus textos completos disponibilizados pelas bases de dados. Por fim, foi realizada uma última seleção, desta vez através da técnica de leitura *skimming*, que permitiu detectar as ideias principais de cada texto, de forma a avaliar quais deles eram relevantes para a pesquisa e quais não eram. Após a execução destes processos, a quantidade de artigos selecionados para leitura e desenvolvimento da pesquisa foi reduzida de 121 (14 da base LISA e 107 da base ISTA, encontrados na busca inicial nas bases de dados) para somente 10 artigos (APÊNCICE B), que passaram por uma análise detalhada de suas informações.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento adotado para a pesquisa dos modelos de negócio de aquisição de e-books em bibliotecas universitárias na literatura internacional foi a análise qualitativa, pois foi necessária para a execução da pesquisa que fosse realizada uma leitura aprofundada de cada um dos artigos selecionados, de forma a extrair o conteúdo sobre os tipos de modelo de negócios de e-books, bem como a análise de discurso de cada autor sobre suas aplicações, vantagens e desvantagens.

6 MODELOS DE NEGÓCIOS DE LIVROS ELETRÔNICOS (E-BOOKS) EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Este tópico tem o objetivo de realizar uma análise descritiva dos dez artigos selecionados na coleta empreendida nas bases de dados LISA e ISTA de forma a iniciar uma discussão sobre os dados encontrados, contextualizando-os com o que já foi apresentado previamente no referencial teórico do trabalho e pontuando detalhes relevantes durante este percurso.

O objetivo desta análise de dados é, não somente extrair as informações sobre modelos de negócio e bibliotecas universitárias mencionados nos artigos (que são apresentadas de forma objetiva no quadro 2), mas também observar o que está sendo discutido internacionalmente sobre o tema, independente do tipo de biblioteca e do modelo utilizado.

Para isto, o quadro sinótico abaixo exhibe uma listagem dos principais itens da representação descritiva de cada um dos dez artigos considerados pertinentes para a pesquisa.

Quadro 1 - Identificação dos artigos selecionados

Texto	Autor	Ano	Título
1	Albanese, A. R.	2001	Moving from books to bytes.
2	Baquero-Arribas, M.	2010	Libros electrónicos en la Red de Bibliotecas del CSIC. Creación de una colección común.
3	Brinkmandzwig, Z. E.	2013	Innovative collection development for e-books at the TU Delft Library.
4	Cannon, E. Watson, B.	2001	E-book technology is moving fast... Are you ready to get behind the wheel?
5	Kahn, M.; Underwood, P.G.	2013	Issues related to the adoption of e-books in academic libraries: a literature review.
6	Martín-González, J.; Pivetta, E.	2008	Factores clave en el proceso de adquisición de libros electrónicos.
7	Sathyanarayana, N. V.	2013	Collection development in the e-content world: challenges of procurement, access and preservation.
8	Sharp, S.; Thompson, S.	2010	'Just in case' vs. 'Just in time': e-book purchasing models.
9	Tedd, L.A.; Carin, W.	2012	Selection and acquisition of e-books in Irish institutes of technology libraries: a study.
10	Van Gisbergen, M.; Profera, E.; Stamison, C.M.	2009	A librarian's view of ebook acquisitions.

Fonte: A autora.

De posse da apresentação de forma geral dos artigos selecionados parte-se para a etapa de elaboração, nos parágrafos subsequentes, de breves resumos do conteúdo informacional de cada um dos itens indicados, de forma a fornecer material crítico para uma posterior análise.

O primeiro artigo, escrito por Richard Albanese e publicado no original no periódico *Library Journal* sob o título *“Moving from books to bytes”* (cuja tradução seria *“Passando de livros para bytes”*) disserta sobre a transformação das bibliotecas universitárias com a era digital, comentando dados colhidos em algumas bibliotecas americanas. O autor cita primeiramente o aumento dos investimentos realizados por diversas bibliotecas universitárias americanas em recursos eletrônicos, fazendo uma análise comparativa com os anos anteriores. O motivo dessa transição seria a vantagem financeira do investimento em bases de dados agregadas, visto que o orçamento destinado a essas instituições não cresce proporcionalmente ao preço dos livros (na verdade o valor é estacionário) e que as bases de dados são adquiridas em conjunto com o consórcio estatal, trazendo grande vantagem econômica. Outro fator que influenciaria, seria a emergência do ensino à distância, que requer também recursos informacionais à distância. A situação teria chegado a um ponto que as bibliotecas estariam cortando parte dos investimentos em periódicos físicos em prol dos eletrônicos. Foi revelado que também houve uma mudança na demanda por determinados assuntos com a mudança de suporte, havendo diminuição na demanda por livros físicos de referência, ciência da computação e ciências em geral e maior demanda por livros físicos de estudos sociais, história e literatura. Contatou-se com a pesquisa que houve uma diminuição considerável na circulação da biblioteca, porém os bibliotecários de referência estariam mais ocupados que nunca. O autor conclui o texto dizendo que há sim uma mudança ocorrendo nas bibliotecas em decorrência do avanço digital, mas que as bibliotecas afirmam que o livro impresso continua vivo e bem.

O artigo escrito por Mercedes Baquero-Arribas foi publicado no original no periódico *El Profesional de la Información* sob o título *“Libros electrónicos en la Red de Bibliotecas del CSIC: creación de una colección común”* cuja tradução seria *“Livros eletrônicos na Rede de Bibliotecas do CSIC: criação de uma coleção comum”*. O texto trata sobre o processo de desenvolvimento de uma coleção de livros eletrônicos única para toda a *Red de Bibliotecas del Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC) - em português, Rede de Bibliotecas do Conselho Superior de Investigações Científicas, que abrange mais de 120 centros de investigação, com uma rede de 70 bibliotecas científicas. Antes deste processo, as aquisições eram dispersas entre as bibliotecas integrantes, fazendo com que as coleções ficassem desiguais desnecessariamente. O que levou a biblioteca a investir no

desenvolvimento, integração e organização de sua coleção de livros eletrônicos foi a percepção de que os usuários apreciavam as funcionalidades que já estavam acostumados a usufruir com as revistas eletrônicas, que seria a rapidez de acesso, a atualidade do material, a preferência pela leitura de somente parte dos livros, o acesso permanente à biblioteca virtual, entre outros. A unidade responsável por essa aquisição foi a *Unidad de Coordinación de Bibliotecas* (UCB) – em português: Unidade de Coordenação de Bibliotecas, que centralizou todos os dados referentes às últimas assinaturas de publicações periódicas realizadas por todas as bibliotecas, de modo que fosse feita a integração das mesmas e fossem evitadas duplicações. Desta forma, foram centralizados todos os aspectos econômicos da aquisição. A UCB optou por realizar a aquisição dos e-books por compra e não por assinatura, escolhendo seguir a mesma lógica que usam para aquisição de livros impressos. Há uma breve explicação no modelo de aquisição baseado em evidências, porém a autora ressalta que a UCB nunca o experimentou e somente tem conhecimento sobre o mesmo. Em junho de 2010, os dados das bibliotecas apontavam para a obtenção de 208.599 livros eletrônicos, disponibilizados por 9 fornecedores distintos. Esses livros são divulgados através do portal da Rede de Bibliotecas que conta com uma página somente de editores de livros eletrônicos. Os bibliotecários afirmam que o uso dos e-books foi aumentando a medida que os livros foram introduzidos ao catálogo. A autora conclui dizendo que a preferência da Rede pelos livros eletrônicos irá se manter e que se buscará daqui para a frente a ampliação dos conteúdos.

O terceiro artigo, publicado no periódico *Information Services & Use* sob o título *““Innovative collection development for e-books at the TU Delft Library””*, cuja tradução na língua portuguesa poderia ser *““Desenvolvimento de coleções de e-books inovador na TU Delft Library””* detalha o modelo principal de negócio de aquisição de livros eletrônicos utilizado pelo que a autora chama de *““Biblioteca Tecnológica Nacional da Holanda””*, a *TU Delft Library*, fornecendo motivos pelos quais este seria o modelo ideal para os propósitos da mesma de se manter constantemente atualizada, tendo em vista a área temática do acervo. A autora e bibliotecária, Zofia E. Brinkman Dzwig, ressalta que existem muitos desafios no mundo moderno da informação e que sua biblioteca conseguiu um meio de enfrentá-los. Ela começa dizendo que é pré-suposto que uma biblioteca nacional técnica seja completa e ofereça conteúdo atualizado aos seus usuários, portanto, na década de 90 a biblioteca se utilizou de planos de aprovação (definição dos assuntos que a biblioteca deseja oferecer aos usuários junto ao fornecedor e oferecimento regular pelo mesmo dos títulos que se encaixam nos temas requeridos), porém esse modelo de aquisição estaria ultrapassado, já que se percebeu que a maioria dos livros adquiridos jamais seriam lidos e, conseqüentemente, foram

feitos gastos com sua compra, processamento e armazenamento em vão. Se baseando nisto, a autora afirma que é hora de haver uma mudança para os serviços orientados pelo usuário. Ela revela que frequentemente é dito que os usuários não estão qualificados para determinar o que deve pertencer à coleção, porém afirma que os bibliotecários não devem efetuar a seleção dos livros para satisfazer suas próprias ambições ou para provar suas habilidades e que o foco deveria ser prover serviços aos usuários. O modelo ideal sugerido, então, seria uma combinação dos planos de aprovação com a aquisição orientada pelo usuário, onde somente seriam disponibilizados na base de dados os artigos que fossem de interesse da biblioteca, através de uma seleção prévia dos assuntos, baseada nos planos de aprovação já utilizados pela biblioteca anteriormente. A aquisição, feita através da *Blackwell* e pela *Ebook Library* (EBL), abrange também os livros físicos, que somente são adquiridos através da *Blackwell* se for constatado primeiramente que não há uma versão digital do mesmo na EBL, caso contrário, a *Blackwell* envia uma mensagem à EBL solicitando que o livro seja inserido da lista de livros oferecidos pela aquisição orientada pelo usuário. De acordo com Dzwig, este modelo trouxe vantagens como a disponibilidade imediata dos títulos, a não obrigação de aquisição de todos os livros da lista de aprovação, a constante relevância e atualidade da coleção e eliminação do risco financeiro. A autora ressalta que este modelo não é o único utilizado pela biblioteca, que também adquire livros eletrônicos em pacotes completos, são assinantes de agregadores como o Safari e estão testando o modelo de aquisição baseado em evidências. O objetivo é experimentar os modelos existentes, deixando as opções em aberto e focando em fazer com que os usuários se envolvam com o processo de desenvolvimento de coleções, mantendo um padrão de serviço e tendo um controle orçamentário eficiente.

Ellen Cannon e Beth Watson publicaram o quarto artigo da lista no periódico *Computers in Libraries* sob o título ““E-book technology is moving fast... Are you ready to get behind the wheel?”” cuja tradução é ““A tecnologia dos e-books está se movendo rapidamente... Você está preparado para ficar atrás do volante?””, e fizeram o relato da primeira experiência de inclusão de e-books no acervo do *Tampa Bay Library Consortium* (TBLC), que engloba todas as 31 bibliotecas de Baía de Tampa, na Flórida, EUA. Esse processo se iniciou com uma visita de representantes da *netLibrary* à TBLC em fevereiro de 2000 para apresentação dos seus e-books. Houve grande interesse da biblioteca, porém o fornecedor avisou aos bibliotecários que a primeira compra dos e-books deveria ser obrigatoriamente de uma quantidade mínima de 500 títulos, cujo custo médio era de \$30.000. Foi feita então uma mobilização entre as bibliotecas para que colaborassem com o projeto financeiramente e todas elas se dispuseram a participar. Foram eleitos representantes de cada

biblioteca que escolheram, cada um, um assunto que gostariam de trabalhar. A *netLibrary* forneceu, então, uma lista de todos os títulos dos assuntos escolhidos aos representantes, que as utilizaram como ferramenta de seleção e enviaram posteriormente a lista dos livros desejados ao TBLC. Foi realizada, por fim, uma reunião com todos os representantes onde ficou definida a lista final com 1.221 títulos desejados pelo consórcio de bibliotecas. A *netLibrary* oferece somente dois modelos de aquisição, a perpétua e a assinatura, tendo sido escolhida primariamente a aquisição perpétua e, para os títulos da área computacional e de saúde, foi escolhida a assinatura, por terem uma demanda maior por informações mais atualizadas. Os livros foram catalogados pela TBLC para as bibliotecas, que conseguiu por volta de 65% de suas catalogações através da *WorldCat database*, e as restantes através da própria *netLibrary*. Foram feitos diversos testes, treinamento com os bibliotecários e desenvolvimento de um livro instrucional para divulgação dos livros aos usuários antes que os livros fossem disponibilizados. Os livros foram bem recebidos pelos usuários após dois meses de lançamento do projeto e as estatísticas de uso aumentam a cada mês, o que está motivando a biblioteca a continuar contruindo sua coleção de livros eletrônicos.

O texto de Michelle Kahn e Peter G. Underwood, publicado no periódico *South African Journal of Libraries & Information Science* sob o título *“Issues related to the adoption of e-books in academic libraries: a literature review”* cuja tradução é *“Assuntos relacionados à adoção de e-books em bibliotecas acadêmicas: uma revisão de literatura”*, discute os obstáculos da adoção dos livros eletrônicos nas bibliotecas acadêmicas fazendo uma revisão de literatura de estudos realizados no Reino Unido, Estados Unidos, Austrália e África do Sul, publicados no período entre 2007 e 2013. Dentre todas as opiniões coletadas dos artigos selecionados pelo autor, está incluso o fato de que os editores que foram mais rápidos na adoção dos e-books foram os que já eram bem sucedidos com as vendas de publicações periódicas, como a *Springer* e a *Elsevier* e que a visão que se tinha da biblioteca tradicional foi completamente alterada. Agora há maior percepção que as bibliotecas não devem ter como foco o livro e sim a informação. Dentre as razões pelas quais alguns bibliotecários rejeitam a idéia de inserir o livro eletrônico em suas bibliotecas, está que o dinheiro investido não traz um retorno aparente (físico), que os modelos de aquisição orientados pelo usuário e os pacotes fechados montados pelos fornecedores dão a sensação que os bibliotecários não estão mais à frente da seleção, que há a sensação (errônea) de que os usuários não estão interessados nos e-books, e, por fim, que não há um registro histórico dos livros, já que eles são substituídos pelas novas edições. O autor ressalta que muitas dessas razões não existiriam mais se houvesse uma mudança nas atitudes e percepções dos

bibliotecários. Um ponto importante também citado no artigo é a importância do desenvolvimento de uma política de aquisição e catalogação específica para e-books. Outro tópico abordado é a ideia de que os livros eletrônicos custam bem menos que os livros impressos, quando a verdade é que os e-books também demandam gastos nem sempre aparentes. Por este motivo, os modelos de negócio de e-books ainda são caros e proibitivos, fazendo com que ainda não haja um modelo ideal, porém, os mais comuns seriam a assinatura, aquisição perpétua (maior preferência dos bibliotecários) e alugueis. A aquisição orientada pelo usuário é apresentada no texto como um meio de prover os livros aos usuários no momento que eles precisam e aponta os fatores a serem considerados durante a escolha deste modelo, enfatizando que as bibliotecas precisariam se adaptar a esse tipo de modelo sob o risco de, em breve, se tornarem obsoletas. Há um esforço no texto de ressaltar que a escolha desde modelo não implica o abandono dos bibliotecários de suas tarefas de seleção, já que eles ainda precisariam customizar as listas de livros oferecidas aos usuários e fazer a supervisão dos empréstimos e processos de licitação. O tópico seguinte fala sobre o copyright, que protege um trabalho de ser copiado e passado pra frente como se fosse criação de outra pessoa e que se aplica aos livros físicos e eletrônicos. Para os e-books, se aplica ainda os acordos de licenciamento feitos com os fornecedores, que restringe ainda mais o uso desse material. Nesse contexto, surge o *Digital Rights Management* (DRM), que seria uma limitação aplicada ao software de acesso aos e-books, que garante que o que foi acordado no licenciamento seja aplicado, porém, em muitos casos, ele pode simplesmente ser removido, o que torna esse método de segurança ainda bastante falho. O texto revela que os bibliotecários ainda têm muita dificuldade de entender os acordos de licenciamento e que, portanto, pode ser melhor para eles lidarem com isso através de um consórcio de bibliotecas, onde pode ser feito um trabalho em equipe de negociação. Fala-se, por fim, do livro eletrônico como conteúdo, suporte e aplicativo. Sobre o conteúdo, o artigo cita o PDF como o formato mais utilizado, devido a sua facilidade de uso e familiaridade, mas avisa que ainda não há um padrão dos formatos de arquivos de e-books, o que gera uma incerteza no processo de desenvolvimento de coleções quanto a preservação digital futura (caso o formato escolhido venha a deixar de ser utilizado). Sobre o suporte e aplicativo (que são comentados juntos), os autores começam citando fatores que o bibliotecário não pode deixar de atender, como providenciar hardware e software relevantes, em quantidade satisfatória e com boa capacidade de memória para utilização dos usuários, ter cuidado na compatibilidade entre arquivo, hardware e software, ter um fornecimento de energia estável e uma boa conexão banda larga. Após isto, são discutidos os três paradigmas que guiaram o design dos espaços das bibliotecas no decorrer do tempo. O

primeiro foi os leitores como foco, o segundo foi coleção física como foco, e o terceiro onde um espaço de trabalho com acesso à biblioteca virtual é providenciado. Ou seja, está havendo uma substituição da ocupação do espaço por estantes com livros físicos, por um espaço com equipamentos que fornecem acesso aos conteúdos digitais. Por fim, é debatido o uso dos *e-readers*, que levanta algumas questões, como a da compatibilidade (visto que esse tipo de hardware geralmente é associado a um formato específico) e da incapacidade dos mesmos de suportar arquivos com gráficos mais detalhados e cores, o que leva a uma tendência de uso dos tablets e celulares para leitura dos textos pelos usuários e uma incerteza dos bibliotecários na utilização dos mesmos em suas bibliotecas.

O artigo [“Factores clave en el proceso de adquisición de libros electrónicos”](#) de Juan-Carlos Martín-González e Emma Pivetta, cuja tradução seria [“Fatores chave no processo de aquisição de livros eletrônicos”](#), publicado no periódico *El Profesional de la Información*, discute sobre o que está sendo oferecido pelas grandes editoras dedicadas ao setor acadêmico e científico no que se refere a livros eletrônicos, incluindo modelos de negócio, tipos de acesso e de fornecedores. Durante a introdução do texto já se aponta que a aquisição de e-books da *Red de Bibliotecas Universitarias* (Rebiun) experimentou um crescimento de 37% entre 2005 e 2007 e que, apesar das semelhanças entre os livros e periódicos, os livros eletrônicos apresentam características próprias no que diz respeito aos seus modelos de aquisição e acesso. O texto primeiramente divide os tipos de acesso em quatro: *online*, *off-line*, download e leitura em dispositivos específicos para leitura de livros e download e leitura em dispositivos genéricos, e diz que focará o artigo no download e leitura em dispositivos genéricos. São citadas, então, vantagens do livro eletrônico para os bibliotecários (como o menor custo, a economia de espaço, a impossibilidade de roubo, a obtenção de estatísticas de uso e de registros MARC21) e para os usuários (como a disponibilidade do livro 24 horas e 7 dias por semana, funcionalidades multimídia, possibilidade de múltiplos acessos, a não necessidade de espera, busca avançada e criação de notas). Os autores começam então a citar as variáveis a se ter em conta nas políticas de acesso aos e-books, sendo a primeira delas as opções de aquisição e licenciamento. Os modelos citados como os principais são a aquisição perpétua e a assinatura (mencionando também um modelo híbrido oferecido pela *John Wiley* que seria a aquisição após três anos ininterruptos de assinatura), que podem servir para adquirir pacotes ou livros individuais que podem ter acesso simultâneo de usuários limitado (a uma determinada quantidade) ou não. A segunda variável são os requisitos técnicos necessários para o acesso aos e-books, como um navegador, o programa *Adobe Acrobat Reader*, um equipamento genérico ou *e-reader* e detalhes de

autenticação de IP. A terceira variável são os temas das coleções, onde diversas editoras são divididas em dois grupos temáticos, o grupo de ciência e tecnologia (*Springer, Elsevier, CAB, Karger, RSCPublishing, e Wiley*) e o grupo das ciências sociais e humanas (*Oxford University Press e Cambridge University Press*) – citando a editora *Taylor & Francis* como um caso a parte, por cobrir uma grande variedade de áreas temáticas – e, então, é feita uma breve descrição de cada editora. É explicado também como o DRM é aplicado em algumas editoras e, após isto, o que é e quais são os principais agregadores do mercado, citando e descrevendo a *NetLibrary, Ebrary-eLibro* e o *MyiLibrary*. Os autores apontaram como tendência futura o aumento de venda dos e-books e a possibilidade de acesso de livros e periódicos eletrônicos pela mesma plataforma, de forma a aprimorar a gestão documental.

O artigo “*Collection development in the e-content world: challenges of procurement access and preservation*”, publicado no periódico *DESIDOC Journal of Library & Information Technology* escrito por Sathyanarayana e cuja tradução seria “*Desenvolvimento de coleções no mundo do conteúdo eletrônico: desafios da aquisição, acesso e preservação*”, disserta sobre os diversos modelos de negócio de aquisição de livros eletrônicos e suas características de forma detalhada, além de comentar sobre as peculiaridades das licenças e dos direitos de uso das obras digitais, de forma a abordar as mudanças que estão ocorrendo nas funções chave dos bibliotecários com a crescente utilização dos e-books. Durante a introdução do texto é citado que o processo de compra de conteúdo está sendo gradualmente substituído pelo processo de obtenção e manutenção do direito de acesso, e esse pensamento é utilizado como base para todo o texto. Primeiramente fala-se sobre a redefinição do propósito do desenvolvimento de coleções, que agora servia não mais para satisfazer as necessidades de um futuro distante, mas sim pra necessidades de curto prazo. Os investimentos não seriam mais feitos na posse de material, mas sim em preservação, através do fornecimento de infraestrutura tecnológica. As bibliotecas teriam que engajar os editores a desenvolver modelos de negócio mais acessíveis economicamente e que servissem as necessidades dos usuários a nível global e, além disso, desenvolver um programa de conscientização da comunidade de usuários para que ela entenda e valorize os novos modelos de negócio. Após isto, são descritos, um a um, os modelos de negócio destacados pelo autor, que foram a aquisição perpétua, o acesso por período limitado (similar a um aluguel, onde você alugaria um livro por um período que poderia variar de um mês a um ano ou mais – o próprio autor avalia este modelo como não adequado a bibliotecas), assinatura, *pay-per-view* (onde se paga pelo documento para acessá-lo – este modelo não foi bem aceito pelas bibliotecas nem pelos editores) e modelo de entrega de artigos baseado em assinaturas (onde são oferecidos alguns

artigos de periódicos, além daqueles já assinados, por um preço mais acessível que a assinatura de todos os periódicos de uma determinada área temática). Fala-se também sobre o acesso multi-usuário, onde o autor menciona dois tipos de modelos, o que a cobrança se baseia no número de usuários no campus e não tem limite de acessos, e o que a cobrança é baseada no número de acesso simultâneos ao conteúdo, independente da quantidade de usuários atendida pela biblioteca. Outros pontos explicados brevemente são os direitos autorais e os acordos de licenciamento, além do início de um debate sobre a necessidade de posse dos títulos, argumentando que as bibliotecas no mundo do conteúdo eletrônico têm a oportunidade de trazer uma mudança de paradigma nesse sentido.

Steve Sharp e Sarah Thompson, autores do artigo *“‘Just in case’ vs. ‘just in time’: e-book purchasing models*”, cuja tradução seria *“Em caso de necessidade vs. bem a tempo: modelos de aquisição de e-books*” publicado no periódico *Serials*, buscam revelar a diversidade de modelos de negócio de e-books disponíveis e suas vantagens e desvantagens. Para isso, utiliza o exemplo de algumas bibliotecas do Reino Unido para oferecer demonstrações estatísticas. O primeiro tópico abordado é a aquisição perpétua título a título, que nada mais é que a compra de livros individuais, que está se tornando o método mais popular de aquisição de e-books no Reino Unido, porém, esta imitação do modelo de aquisição de livros físicos leva ao surgimento dos mesmos antigos problemas, como, por exemplo, os livros terem pouco uso por terem sido comprados tendo como base somente a possibilidade de necessidade. Apesar disto, dados citados no artigo revelam que os e-books adquiridos desta forma estão sendo bastante utilizados. O segundo tópico é a aquisição de pacotes, que acaba sendo um modelo mais prático para as bibliotecas, visto que elas adquirem um pacote de livros através de somente um fornecedor, resultando em uma plataforma de acesso única e em uma redução do valor dos livros. No caso da biblioteca de York, foram adquiridos o total de 14.000 e-books, parte em 2005 e parte em 2007, e em 2009, 41% dos livros foram utilizados, o que gerou um custo médio de somente £0,45 por livro, mesmo com menos da metade dos livros acessados. Após isto, os autores ressaltam que os motivos pelos quais as bibliotecas estão reconsiderando seus modelos de negócio são a alta inflação dos materiais e cortes orçamentários (fazendo com que seja preciso que as coleções sejam desenvolvidas de um modo mais eficiente), além do próprio desenvolvimento do mercado e o aparecimento de novos modelos. É descrito, então, o modelo de aquisição orientada pelo usuário e é dado outro exemplo da biblioteca da York, que experimentou tanto o modelo de aquisição perpétua quanto o orientado pelo usuário, experimentação que permitiu que fosse constatado que o gasto médio de cada modelo por título no período entre maio de 2009 e

fevereiro de 2010 foi de £72 e £26, respectivamente. Para os bibliotecários que ainda têm receio de perder controle do orçamento, os autores ressaltam que talvez o modelo ideal de aquisição seria a baseada em evidências. O artigo é concluído com o pensamento de que as bibliotecas estão começando a seguir outra linha de pensamento, que permite que os bibliotecários se deixem abandonar um pouco do controle e empoderar o usuário, minimizando o tempo de entrega de um serviço de informação.

O nono artigo, *““Selection and acquisition of e-books in Irish institutes of technology libraries: a study””*, cuja tradução seria *““Seleção e aquisição de e-books em bibliotecas de institutos de tecnologia irlandesas: um estudo””*, escrito por Lucy A. Tedd e Wanda Carin e publicado no periódico *Aslib Proceedings: New Information Perspectives*, trata sobre uma pesquisa realizada pelos autores nos Institutos de Tecnologia (ITs) na Irlanda sobre aquisição de e-books. Foi decidido primeiramente que a pesquisa seria realizada através de entrevistas estruturadas e, para tanto, foi necessário que protocolos fossem definidos antes da pesquisa, como o envio de e-mail para os institutos (explicando sobre o que a pesquisa se tratava e requisitando tempo para uma entrevista), o acordo de as entrevistas serem realizadas por telefone, a utilização de uma lista piloto com 12 perguntas para uma entrevista com um dos bibliotecários (que, posteriormente, foi diminuída para 6 perguntas), a anotação das respostas à mão e digitação de sumários a partir das anotações. Existem 15 ITs na Irlanda, porém, apenas 12 destes responderam à requisição de entrevistas dos autores (*Dundalk, Carlow, Dublin, Athlone, Galway-Mayo, Dun Laoghaire, Sligo, Limerick, Tralee, Tallaght, Tipperary e Letterkenny*), que foram conduzidas de março a julho de 2009. Segue abaixo as perguntas e respostas dos bibliotecários:

a) de onde eram tirados os recursos para compra dos e-books - a maioria dispunha de recursos específicos pra materiais eletrônicos;

b) se eram incorporados links para livros gratuitos nas páginas da biblioteca - somente 4 efetuavam buscas e incorporavam;

c) quais eram seus fornecedores - apesar de a maioria ter citado o *Safari Books Online*, também foram citados a *ACM, Biz-Ed, Dawsonera, Ebrary, Encyclopedia Britannica, Gale Publications, Knovel, MyiLibrary, NetLibrary, Oxford Reference Library, Springer e Stat!Ref*;

d) seus procedimentos de aquisição de e-books - consiste em uma pesquisa comparativa das ofertas de coleções de livros de agregadores e editores, negociação com o fornecedor escolhido, aquisição e disponibilização através de login e senha;

e) razões para adquirir e-books – estender o acesso aos alunos de ensino a distância; suplementar a oferta de livros impressos para melhorar o acesso a textos essenciais; salvar dinheiro e espaço; ajudar os departamentos na inspeção escolar; fornecer a maior variedade de recursos possível e; oferecer suporte a um curso em específico;

f) razões pra não adquirir e-books – custos relacionados a aquisição e manutenção das coleções; os usuários já terem acesso aos livros eletrônicos em outros lugares; percepção de baixa demanda por e-books; falta de mão de obra para expandir a coleção; e-books que já foram adquiridos não foram utilizados; incapacidade de encontrar um modelo de negócio de aquisição;

g) problemas com aquisição de e-books – haver um desencontro entre os livros impressos e eletrônicos de forma que somente um dos dois pode ser adquirido; falta de assinaturas-teste; falta de conteúdo relacionado à Irlanda; falta de flexibilidade dos modelos de negócio; funcionários eram obrigados a pesquisar, rodar testes, catalogar os e-books, entre outras atividades e; problemas com a interface;

h) sobre os ambientes de aprendizagem virtual, as bibliotecas e os e-books – *Galway-Mayo* tem um módulo de competência informacional no *Moodle*, *Letterkenny* sempre articula com os professores para que coloquem elementos de competência informacional em seus *Blackboards*, *Dublin* e *Tralee* estão envolvidos com cursos da *WebCT* em termos de competência informacional e os funcionários da *Limerick* recomendam ativamente que professores façam uma conexão entre os e-books (e outros recursos eletrônicos) e os conteúdos no *Moodle*;

i) público alvo – Computação era a área com mais suporte dos e-books, seguido por Enfermagem e Engenharia;

j) fomento dos e-books – inclusão nos tours/demonstrações da biblioteca e nas aulas de competência informacional; adição de links dos livros eletrônicos gratuitos e adquiridos na página da biblioteca; inserção dos e-books nos catálogos *online* das bibliotecas; posters; e-mails aos stakeholders; divulgação pelos funcionários diretamente ao corpo acadêmico; blogs; boletins informativos e; inclusão dos e-books na promoção dos recursos eletrônicos em geral;

k) Listas de leitura – quatro bibliotecas não possuíam, *Carlow* tinha todas as suas listas disponíveis *online* na página da biblioteca e as outras tinham algumas, seja na página da biblioteca ou em qualquer outro lugar na página da instituição.

Na discussão sobre os resultados da pesquisa, as autoras relatam que perceberam que os bibliotecários de aquisição estavam tendo muita dificuldade na escolha do modelo de

negócio junto aos fornecedores, pois os mesmos não oferecem um modelo de aquisição adequado aos livros eletrônicos, e sim muito similar a aquisição de periódicos eletrônicos, sendo, inclusive, inflexíveis em relação à aquisição de títulos individuais e ao acesso concomitante entre usuários. Alguns Intitutos declararam que estavam esperando o mercado se estruturar e estabilizar para começarem a aderir à utilização dos livros eletrônicos, alegando que muitos dos benefícios deste suporte informacional estavam sendo perdidos devido aos modelos de negócio extremamente restritivos. Outros consideram os e-books a solução para balancear sua necessidade por múltiplas cópias de vários livros com sua dificuldade de encontrar espaço físico. Foi uma surpresa para as autoras descobrir que sugestões de professores eram levadas em consideração para aquisição de livros impressos, mas não eletrônicos. Foi observado também que bibliotecários querem pedir e-books independente de haver pedidos ou não, pois querem antecipar um futuro onde os alunos estarão recebendo a maioria de suas informações *online*. As autoras concluem que uma maior ligação dos professores com os bibliotecários e com a divulgação dos e-books é necessário.

O último artigo da lista, que foi escrito por Maxim Van Gisbergen, Elyse Profera e Christine M. Stamison e publicado no periódico *Information Today* sob o título [““A librarian's view of ebook acquisitions””](#), cuja tradução seria [““A visão de um bibliotecário sobre aquisição de e-books””](#), oferece uma visão geral dos modelos de negócio e fornecedores de livros eletrônicos existentes. Segundo o texto, uma pesquisa conduzida pela *Swets* em fevereiro de 2009 e respondida majoritariamente por bibliotecas americanas, inglesas, holandesas e alemãs determinou que os bibliotecários acham que a seleção e a aquisição são as partes mais problemáticas do ciclo do livro eletrônico. É explicado então o que é um processo de seleção e citados os modelos de negócio de aquisição através do plano de aprovação e da aquisição orientada pelo usuário. Comenta também sobre a dificuldade da escolha de qual suporte utilizar (físico ou eletrônico), as variações implícitas na aquisição de livros eletrônicos, como a grande variedade de modelos, características diversas dos tipos de fornecedores, ofertas de venda de livros individualmente ou em pacotes, quantidade ilimitada de acessos simultâneos ou não, grandes variações nos termos de uso dependendo do fornecedor, entre outros. Os autores revelam que a maioria dos bibliotecários gostaria que o processo de aquisição dos livros físicos pudesse ser usado para adquirir livros eletrônicos e, tendo isto em vista, as pesquisas indicam que aquisição de títulos individuais se tornarão o jeito mais popular de aquisição de e-books no futuro. Por fim, a pesquisa da *Swets* determinou que os bibliotecários gostariam de uma plataforma onde pudessem compartilhar, descobrir e

comparar fornecedores e modelos de negócio de aquisição, o que facilitaria bastante o processo de desenvolvimento de coleções eletrônicas.

As informações descritas acima sobre os modelos de negócio e as universidades mencionadas podem ser vistas no quadro 2, que permite observar de forma mais objetiva quais artigos apontaram a utilização de algum modelo de negócio de livro eletrônico e quais foram estes modelos, além de mencionar as bibliotecas onde foram aplicados.

Quadro 2 - Identificação dos modelos de negócio de e-books e bibliotecas apontados nos artigos

Texto	Autor	Título	Ano	Modelo de Negócio Utilizado	Biblioteca
1	Albanese, A. R.	Moving from books to bytes.	2001	X	X
2	Baquero-Arribas, M.	Libros electrónicos en la Red de Bibliotecas del CSIC. Creación de una colección común.	2010	Aquisição perpétua	<i>Consejo Superior de Investigaciones Científicas</i>
3	Brinkmandzwig, Z. E.	Innovative collection development for e-books at the TU Delft Library.	2013	Aquisição perpétua	<i>TU Delft Library</i>
				Aquisição orientada pelo usuário	
				Aquisição baseada em evidências	
				Assinatura	
4	Cannon, E. Watson, B.	E-book technology is moving fast... Are you ready to get behind the wheel?	2001	Assinatura	<i>Tampa Bay Library Consortium</i>
				Aquisição perpétua	
5	Kahn, M.; Underwood, P.G.	Issues related to the adoption of e-books in academic libraries: a literature review.	2013	X	X
6	Martín-González, J.; Pivetta, E.	Factores clave en el proceso de adquisición de libros electrónicos.	2008	X	X

7	Sathyanarayana, N. V.	Collection development in the e-content world: challenges of procurement, access and preservation.	2013	X	X
8	Sharp, S.; Thompson, S.	'Just in case' vs. 'Just in time': e-book purchasing models.	2010	Aquisição perpétua	Leeds
					Bergen
				Aquisição perpétua	York
				Assinatura	
Aquisição orientada pelo usuário					
9	Tedd, L.A.; Carin, W.	Selection and acquisition of e-books in Irish institutes of technology libraries: a study.	2012	Assinatura	Dun Laoghaire
					Athlone
					Tallaght
					Dundalk
					Sligo
				Carlow	
				Assinatura	Dublin
Aquisição perpétua	Tipperary				
10	Van Gisbergen, M.; Profera, E.; Stamison, C.M.	A librarian's view of ebook acquisitions.	2009	X	X

Fonte: A autora.

Tendo feito a análise de todos os artigos de forma detalhada, pode-se voltar novamente a atenção ao problema deste trabalho, que está pautado na seguinte pergunta: quais são os modelos de negócio de aquisição de e-books em bibliotecas universitárias apresentados na literatura internacional no campo de estudos da informação?

Pelos dados oferecidos pelo quadro acima, a partir da análise exploratória empreendida, pode-se perceber somente 5 dos 10 artigos recuperados informaram o modelo de negócio utilizado pelas bibliotecas comentadas. Dentre os modelos de negócio apresentados, percebe-se também que a forma de aquisição mais utilizada e citada é a aquisição perpétua, seguida da assinatura, aquisição orientada pelo usuário e aquisição baseada em evidências.

Com a análise dos artigos de forma cronológica, é possível identificar a evolução dos trabalhos sobre a inserção dos livros eletrônicos em acervos de bibliotecas e os modelos de negócio utilizados neste processo de forma gradativa. Já a análise geral permite que se tenha uma percepção das ideias gerais passadas pelos artigos e que se faça uma projeção do que se pode esperar nos próximos anos para a área de desenvolvimento de coleções. Ambas serão realizadas nos parágrafos abaixo.

Começando com a análise cronológica, partindo dos artigos 1 e 4, ambos de 2001, podemos identificar que, mesmo há 14 anos atrás, já se percebia os benefícios da aquisição de livros eletrônicos na forma de consórcios entre bibliotecas, tanto pela maior facilidade de negociação (maior quantidade de profissionais para avaliarem as variáveis dos licenciamentos) quanto pela economia. Também se percebe um aumento da demanda pelos livros eletrônicos (reflexo, entre outros fatores, do maior oferecimento de ensino à distância e da percepção dos benefícios específicos deste formato), uma mudança na rotina da biblioteca, que passava por uma diminuição de uso dos serviços de circulação e aumento do uso dos serviços de referência, e o uso somente dos modelos de aquisição perpétua e assinatura, sendo este último preferencial no caso de livros científicos/tecnológicos, devido à necessidade de constante atualização de conteúdo.

Seguindo na ordem cronológica, temos o artigo 6, escrito no ano de 2008, que prossegue na ideia de maior investimento em e-books e suas vantagens com relação a espaço, custo, multiplicidade de acessos, disponibilidade, entre outros. Os modelos de negócio citados no artigo continuam os mesmos dos anteriores, com o diferencial da apresentação de um modelo híbrido (assinatura e, posteriormente, aquisição perpétua).

Após isto, temos o artigo 10 do ano de 2009, que já apresenta o modelo de aquisição orientada pelo usuário e revela a dificuldade dos bibliotecários de se adaptarem às formas de

seleção e aquisição dos livros eletrônicos, que possuem um grande número de variáveis, como a questão do acesso multiusuário, os diferentes modelos, aquisição de pacotes ou de títulos individuais, diferentes termos de uso, etc. Por este motivo, é revelada a preferência por modelos mais similares ao de compra de livros físicos (títulos individuais e aquisição perpétua) e é sugerido que exista um meio onde se possa fazer uma comparação mais adequada dos modelos de negócio de aquisição disponíveis, para que esta realidade mude.

Foram recuperados dois artigos de 2010, o 2 e o 8, que continuam apontando crescimento no uso dos e-books em bibliotecas e união das bibliotecas para aquisição em forma de consórcios. Os bibliotecários ainda insistem em utilizar modelos similares ao de aquisição de livros físicos, apesar de um dos artigos já apresentar o modelo de aquisição baseado em evidências como uma opção e o outro como uma solução para bibliotecários que não querem perder o controle orçamentário. Um dos motivos apontados como a causa da procura por novos modelos é a alta inflação e os cortes orçamentários. Uma pesquisa muito importante realizada no artigo 8 é a que prova que o custo médio de um livro adquirido através do modelo de aquisição orientada pelo usuário é maior que um adquirido perpetuamente, evidenciando a conveniência financeira dos novos modelos.

Em seguida temos o artigo 9 de 2012, que continua mostrando as mesmas dificuldades com todo o processo de aquisição e seleção e a preferência por e-books de determinadas áreas temáticas (nesse caso a computação, enfermagem e engenharia), acrescentando o fato de os fornecedores serem muito rígidos com relação aos modelos de negócio oferecidos (dificuldade de customização), a maior divulgação/utilização de e-books dentro do ambiente universitário e a percepção errônea dos bibliotecários de que não há muito interesse dos usuários na utilização dos e-books (já que eles teriam acesso a estes através de outros meios).

Por fim, os artigos mais recentes, o 3, o 5 e o 7, do ano de 2013, já apontam uma tendência realista de mudança de paradigma da área de desenvolvimento de coleções, que pode levar as bibliotecas que não se adaptarem à obsolescência. Dentre as coisas mais importantes apresentadas nestes artigos são a consideração da aquisição orientada pelo usuário como o modelo ideal, a afirmação que os modelos novos não representam a morte do serviço de desenvolvimento de coleções por parte dos bibliotecários (que ainda teriam que customizar as listas de artigos, supervisionar os empréstimos e cuidar dos processos de licitação), a necessidade de campanhas de conscientização entre os usuários para maior valorização dos novos modelos de negócio, a importância da criação de uma política de aquisição e catalogação diferenciada para os e-books, o maior foco nos serviços informacionais prestados e não nos livros, a substituição da ideia de compra/posse pela ideia

de acesso, o foco nas necessidades de curto prazo em detrimento das de um futuro distante, a mudança dos espaços das bibliotecas (menos estantes e mais equipamentos para acesso virtual), a recomendação definitiva de aquisição através de consórcios entre bibliotecas e a apresentação de outros novos modelos, como o *pay-per-view*. No entanto, alguns resquícios do tradicionalismo permanecem nos bibliotecários, como o incômodo por não ter retorno aparente (físico) após a aquisição, a preocupação com a falta de registro histórico dos livros com a substituição pelas novas edições, a permanência da preferência pelos modelos de aquisição perpétua e assinatura, a ideia de que os modelos de negócio atuais são caros e proibitivos e as dificuldades com a preservação digital (escolha de formato dos arquivos).

Analisando os artigos de forma geral, podemos perceber que o livro eletrônico trouxe uma preocupação com a adaptação do processo de desenvolvimento de coleções aos novos modelos de negócio, fato que se estende até hoje, afinal, os conhecimentos desta área da Biblioteconomia já estavam firmemente consolidados e abrangiam somente os livros impressos. A partir da aceitação social dos e-books como uma nova opção de suporte informacional, foram necessárias tantas mudanças nesse processo que os bibliotecários sentiram uma enorme dificuldade de se adaptar ao novo tendo como base o antigo. Analisando os artigos selecionados pode-se constatar que, internacionalmente, os profissionais da informação estão finalmente percebendo que a adaptação a este novo suporte exige uma reinvenção e não só uma adaptação. Uma nova e importante perspectiva trazida pelo livro eletrônico aos bibliotecários é a de que a posse do acervo para disponibilização ao usuário não é algo essencial e necessário como se acreditava, mas que, na verdade, o que é primordial é o oferecimento de serviços para provisão de acesso informacional. Esta nova perspectiva mudou o foco do processo de seleção, onde agora são visados métodos mais objetivos, como os livros não serem selecionados visando uma possível necessidade futura, mas sim a necessidade corrente de cada usuário. Desta forma, apesar de já existir um recorte temático por tipo de biblioteca, as necessidades de cada usuário como indivíduo não são vistas de forma generalista (através do estudo da comunidade).

Pode-se dizer, por fim, que os livros eletrônicos alteram os modelos de negócio e vice-versa, já que os grandes debates sobre modelos de negócio estão trazendo a tona, também, debates sobre a definição do que seria o livro eletrônico e qual o suporte, formato e software mais adequado para o contexto social atual. Assim sendo, o debate sobre cada um dos tópicos contribui para o desenvolvimento e consolidação do conhecimento sobre o outro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração deste trabalho foi possível perceber que já há, em nível internacional, um intenso trabalho de pesquisa por parte dos bibliotecários sobre os novos modelos de negócio de aquisição de livros eletrônicos e suas implicações, devido à crescente popularização e utilização deste novo tipo de suporte informacional. Outro ponto que pode-se notar é que estas pesquisas são realizadas, principalmente, no âmbito acadêmico, visto que são ambientes que visam constantemente a inovação, a adaptação às novas tecnologias e a própria construção de novos conhecimentos.

Assim, este trabalho visa também uma possível contribuição para os debates realizados pelo Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC) da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), acrescentando mais um ponto de vista sobre a temática de desenvolvimento de coleções de livros eletrônicos e auxiliando em sua divulgação e pesquisas sobre as formas mais adequadas de execução deste processo nas bibliotecas universitárias brasileiras.

A partir dos esclarecimentos que este trabalho proporcionou, pretende-se que os bibliotecários brasileiros sejam mais estimulados a pesquisar e explorar esta nova perspectiva da área de desenvolvimento de coleções e, desta forma, possam construir um novo paradigma, que deve resultar na consolidação de um novo processo de desenvolvimento de coleções, especialmente voltado para o livro eletrônico, com o fim de garantir aos seus usuários o acesso à informação da melhor forma possível. Espera-se também que os bibliotecários, que já estão progredindo em suas pesquisas e na utilização do livro eletrônico em suas bibliotecas, componham um movimento para garantir reconhecimento governamental sobre esta utilização na Administração Pública (onde estão a maioria das bibliotecas universitárias no Brasil).

Destaca-se que a legislação não contempla os detalhes de cada um dos modelos de negócio, direcionando as aquisições de e-books para compra ou assinatura, exclusivamente. Além disso, editais de projetos financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa dos Estados seguem o mesmo caminho, limitando os itens financiáveis a itens de capital (que devem ser patrimoniados na instituição contemplada) e restringindo a aplicação dos recursos financeiros em anuidades ou quaisquer despesas de custeio.

Outro ponto que pode ser observado é a recente modificação nos critérios de avaliação dos acervos conduzida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), onde antes eram considerados somente os livros impressos, e não os livros em formato eletrônico, como sendo componentes do acervo bibliográfico básico

requerido (NUNES, 2014), agora são considerados os dois tipos de suporte na composição do acervo. A restrição anterior limitava toda a avaliação à posse de um acervo físico, contrariando todo o ideal que está sendo construído pelos profissionais da informação de oferecimento de serviços de informação e não somente de produtos informacionais, portanto, pode-se indicar que o MEC tenha considerado as mudanças.

Por fim, é importante ressaltar que todos os temas abordados neste trabalho ainda podem e devem ser explorados em futuras pesquisas, tais como a definição do que seria o livro eletrônico, as dificuldades de adaptação que os bibliotecários brasileiros enfrentam com a utilização de livros eletrônicos em suas bibliotecas, a construção da ideia da biblioteca como espaço provedor de serviços informacionais, os termos a serem analisados em um contrato de licitação de e-books em cada um dos modelos de negócio mencionados, o novo papel do bibliotecário durante o processo de seleção face ao modelo de aquisição orientado pelo usuário, as mudanças sofridas no processo de desenvolvimento de coleções com o advento dos novos modelos de aquisição, entre outros, que permitirão a continuidade da discussão sobre o tema e a consequente propagação do conhecimento entre os profissionais bibliotecários, garantindo assim o maior esclarecimento sobre os novos rumos da Biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR6028**: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ANDRADE, D.; VERGUEIRO, W. C. S. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. A problemática dos e-books: um contributo para o estado da arte. In: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA EM SISTEMAS, CIBERNÉTICA E INFORMÁTICA (CISCI), 6., 2007, Orlando (EUA). **Memórias...** Orlando (EUA), v. 2, p. 106-111, jul. 2007.

BRASIL. Decreto n. 99.658, de 30 de outubro de 1990. Regulamenta, no âmbito da Administração Pública Federal, o reaproveitamento, a movimentação, a alienação e outras formas de desfazimento de material. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 31 out. 1990, p. 20743.

BUCKNELL, T. Buying by the bucketful: a comparative study of e-book acquisition strategies. **Insights**. Liverpool, v. 25, n. 1, 7 mar. Disponível em: <<http://insights.uksg.org/articles/10.1629/2048-7754.25.1.51>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1994.

COSTA, R. P.; CUNHA, M. B. Modelos de negócios de livros eletrônicos para bibliotecas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CBL DO LIVRO DIGITAL, 5., 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: CBL, 2014. Disponível em: <<http://www.congressodolivrodigital.com.br/arq-trabalhos-cientificos/2014/TC2014-raquel-pereira-costa-290614194029.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

CUNHA, M. B. A biblioteca universitária na encruzilhada. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, dez. 2010. Disponível em: <http://dgz.org.br/dez10/Art_07.htm>. Acesso em: 20 maio 2015.

DIAS, G. D.; SILVA, T. E.; CERVANTES, B. M. N. Políticas de informação nas bibliotecas universitárias: um enfoque no desenvolvimento de coleções. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 39-54, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/572/pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

EVANS, G. E. **Developing library collections**. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, Inc., 1979.

_____. **Developing library and information center collection**. 4. ed. Englewood: Libraries Unlimited, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIGSON, K. An introduction to e-book business models and suppliers. In: PRICE, K.; HAVERGAL, V. (Org.). **E-books in libraries: a practical guide**. Londres: Facet, 2011.

IANZEN, A.; PINTO, J. S. P.; WILDAUER, E. W. Os sistemas de proteção de direito digital (DRM): tecnologias e tendências para e-books. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 36, p.203-230, jan./abr., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p203/24519>>. Acesso em: 20 maio 2015.

LYNCH, C. The battle to define the future of the book in the digital world. **First Monday: peer-reviewed journal on the internet**, v. 6, n. 6, p. 1-31, 4 jun. 2001. Disponível em: <<http://www.firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/864/773>>. Acesso em: 20 maio 2015.

MACIEL, A. C.; MENDONÇA, M. A. R. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

MIRANDA, A. C. C. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 1-19, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/367>>. Acesso em: 20 maio 2015.

MORIGI, V. J.; SOUTO, L. R. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 10, n. 2, p. 189-206, 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/552>>. Acesso em: 20 maio 2015.

NEWTON, I. [**Sobre ombros de gigantes**]. [S.l.: s.n.], 1676. Frase citada em uma carta enviada por Newton a Robert Hooke, no dia 5 de Fevereiro de 1676, inspirada em uma famosa metáfora em Latin: nanos gigantum humeris insidentes.

NUNES, N. S. P. **Desenvolvimento de coleções e as avaliações do INEP/MEC de cursos de graduação: estudo de caso**. 2014. 53 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PROCÓPIO, E. **A revolução dos eBooks: a indústria dos livros na era digital**. São Paulo: SENAI-SP editora, 2013.

RAO, S. S. Familiarization of electronic books. **The Electronic Library**, Bingley, v. 19, n. 4, p. 247-256, 2001. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/02640470110402045>>. Acesso em: 20 maio 2015.

_____. Electronic books: their integration into library and information centers. **The Electronic Library**, London, v. 23, n. 1, p. 116-140, 2005. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/02640470510582790>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SCHROEDER, R.; WRIGHT, T. Electronic books: a call for effective business models. **New Library World**, Bingley, v. 112 n. 5-6, p. 215-221, 2011. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/03074801111136257>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SCHWEITZER, F. Os novos perfis dos profissionais da informação nas bibliotecas universitárias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 80-88, jul./dez. 2007.

SERRA, L. G. **Livro digital e bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

SILVA, C. C. M.; CONCEIÇÃO, M. R.; BRAGA, R. C. Serviço de coleções especiais da biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina: estágio curricular. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 9, p. 134-142, 2004.

SILVA, G. M. S.; BUFREM, L. S. Livro eletrônico: a evolução de uma idéia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4BUFREM.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

VERGUEIRO, W. C. S. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989.

_____. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 22, n. 1, p. 13-21, jan./abr. 1993.

WEITZEL, S. R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002.

_____. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez. 2012.

_____. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2013.

**APÊNDICE A – LISTA DE BASES DE DADOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS NO PORTAL DA CAPES**

Nº	Nome da base	Tipo
1	Academic Search Premier - ASP (EBSCO)	Referenciais com resumos, Textos completos
2	Annual Reviews	Textos completos
3	Applied Social Sciences Index and Abstracts - ASSIA (ProQuest)	Referenciais com resumos
4	Cambridge Journals Online	Textos completos
5	EconLit (Ovid)	Referenciais com resumos
6	Emerald Insight (Emerald)	Textos completos
7	Britannica Academic Edition	Obras de Referência
8	Gale - Academic OneFile	Textos completos
9	Highwire Press	Textos completos
10	Information Science & Technology Abstracts - ISTA (EBSCO)	Referenciais com resumos
11	JSTOR Arts & Sciences III Collection (Social Sciences)	Textos completos
12	Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text (EBSCO)	Referenciais com resumos, Textos completos
13	Library and Information Science Abstracts - LISA (ProQuest)	Referenciais com resumos
14	OECD iLibrary	Textos completos, Estatísticas, Livros
15	Oxford Journals (Oxford University Press)	Textos completos
16	Programa de Publicações Digitais da Propg (Unesp)	Livros
17	Reference Reviews (Emerald)	Referenciais com resumos
18	Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)	Arquivos Abertos e Redes de e-prints, Repositórios Institucionais
19	SAGE Journals Online	Textos completos
20	SciELO.ORG	Textos completos, Sites com periódicos de acesso gratuito
21	Science (AAAS)	Textos completos
22	ScienceDirect (Elsevier)	Textos completos
23	SocINDEX with Full Text (EBSCO)	Referenciais com resumos, Textos completos, Livros
24	SpringerLink	Textos completos
25	Web of Science - Coleção Principal (Thomson Reuters Scientific)	Referenciais com resumos
26	Wiley Online Library	Textos completos
27	Repositório Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi	Repositórios Institucionais

28	SCOPUS (Elsevier)	Referenciais com resumos
29	DOAB: Directory of Open Access Books	Livros
30	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Repositório Institucional Digital do Ibiict	Repositórios Institucionais

APÊNDICE B – ARTIGOS SELECIONADOS

Nº	Autor	Título
1	Albanese, A. R.	Moving from books to bytes.
2	Baquero-Arribas, M.	Libros electrónicos en la Red de Bibliotecas del CSIC. Creación de una colección común.
3	Brinkmandzwig, Z. E.	Innovative collection development for e-books at the TU Delft Library.
4	Cannon, E. Watson, B.	E-book technology is moving fast... Are you ready to get behind the wheel?
5	Kahn, M.; Underwood, P.G.	Issues related to the adoption of e-books in academic libraries: a literature review.
6	Martín-González, J.; Pivetta, E.	Factores clave en el proceso de adquisición de libros electrónicos.
7	Sathyanarayana, N. V.	Collection development in the e-content world: challenges of procurement, access and preservation.
8	Sharp, S.; Thompson, S.	'Just in case' vs. 'Just in time': e-book purchasing models.
9	Tedd, L.A.; Carin, W.	Selection and acquisition of e-books in Irish institutes of technology libraries: a study.
10	Van Gisbergen, M.; Profera, E.; Stamison, C.M.	A librarian's view of ebook acquisitions.